

572

Primeiro Ato

O Bero do Herói  
O Bero do Herói  
Dias Jovens

TEATRO DE ARENA - 226-0242  
Av. Borges de Medeiros, 835 - CEP 90010

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025





TEATRO DE ARREIA - 226-0242  
Av. Caraca da - Edifício 605 — CEP 90010

#### PRIMEIRO QUADRO

*Duas quermesses ocupam as extremidades da praça embandeirada. Numa delas está LILINHA, na outra, ANTONIETA. Populares à frente das barracas. Dois meninos passam correndo. Ouve-se a Banda executando um número. Um VENDEDOR atravessa a cena, oferecendo "abecês."*

VENDEDOR

Vamos, minha gente, vamos  
melhorar sua cultura,  
o "ABC de Cabo Jorge"  
é obrigatória leitura;  
o homem não vive só  
de mastigar rapadura.

A estória que vão ler  
se passou lá nas Oropa  
e demonstra que na Guerra  
brasileiro não é sopa,  
quando entra numa briga  
não teme sujar a roupa.

LILINHA

*(Em sua barraca)* Medalhas com a efígie de Cabo Jorge.  
Comprem, que é em benefício de nossa igreja.

JUIZ *aproxima-se da barraca, e examina uma das medalhas.*

LILINHA

Doutor Juiz vai ficar com uma medalhinha? É pra ajudar  
as obras da igreja.

JUIZ

Que obras?

LILINHA

Não sabe que o telhado está pra cair?

JUIZ

Há dez anos que está. Não caiu até hoje.

LILINHA

Porque Deus não quis.

JUIZ

Pois se tudo depende de vontade de Deus, não adianta fazer  
nada, minha filha. *(Refere-se à medalha)* Feita aqui?

LILINHA

Sabe não? Cacá de Filomena abriu uma loja só pra vender  
medalhas, amuletos, retratinhos, tudo de Cabo Jorge. E  
não é mais preciso mandar fazer em Salvador, ele mesmo  
faz. Trouxe máquinas, operários, tudo pra isso.

JUIZ

Deve estar entrando nos cobres, o sabido.

LILINHA

Se está. Papai é sócio.

JUIZ

Ah, o Prefeito é sócio. Então não deve nem pagar impôsto.  
Terra abençoada.

LILINHA

Mas pra igreja eles não cobraram nada pelas medalhas.  
Fizeram uma doação.

JUIZ

Claro. Assim, Deus também entra de sócio. Cacá de Fi-  
lomena tem cabeça.

*Entram RAPARIGA 1 e RAPARIGA 2*

LILINHA

*(Ao ver as prostitutas)* Que atrevimento!

JUIZ

*(Sem perceber o motivo da indignação de LILINHA).* Me  
desculpe...

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0241 - C.E.F. 90020-025



LILINHA

Essas mulheres... Aqui! (*Dá as costas às RAPARIGAS, que passam*).

RAPARIGA 1

(*Pisca o olho para o JUIZ*) Boa-noite!

JUIZ

Boa-noite! (*Percebendo que LILINHA não vê, arrisca um olhar*)

LILINHA

(*Volta-se ainda mais indignada*) E o senhor ainda dá boa-noite a elas!

JUIZ

Questão de educação. Cumprimentaram, eu respondi.

LILINHA

O senhor, como juiz, devia era expulsar daqui essas sem-vergonhas. Numa festa da igreja, é incrível que elas tenham o descaramento de comparecer.

JUIZ

Foi seu pai, o Prefeito, quem deu permissão pra elas funcionarem. E, pelo que estou informado, elas pagam imposto. Ao passo que as medalhinhas...

*As RAPARIGAS param no outro extremo do palco.*

RAPARIGA 1

Que é que essa beata está resmungando?

RAPARIGA 2

Sei lá. É a tal que diz que foi namorada de Cabo Jorge. E depois que ele morreu, jurou morrer virgem.

RAPARIGA 1

Até que não vai ser difícil: quem é que quer um bucho dêsses? (*Ri*)

LILINHA

(*Para o JUIZ*) O senhor quer dar uma olhada na barraca? Eu vou chamar o Vigário. É muito desafôro! (*Sai*)

ANTONIETA

(*Na outra barraca*) Um bilheteinho da tómbola que vai correr daqui a pouco. É pra ajudar a consertar o telhado da igreja que está pra vir abaixo. (*Um popular compra um bilhete*) Obrigada.

MULHER GRÁVIDA

Vosmicê não tem uma relíquia, um pertence qualquer que tenha sido de Cabo Jorge? Diz que dá sorte pra quem está de bobó...

ANTONIETA

Tenho não. Aqui é só bilhete pra tómbola. Mas a senhora procure por aí que encontra. Já venderam tanto amuleto feito da farda do falecido, que se juntassem tudo dava pra fardar todo o Exército Brasileiro.

*VENDEDOR chama a MULHER à parte.*

VENDEDOR

Vosmincê quer uma relíquia de Cabo Jorge?

MULHER GRÁVIDA

Queria...

VENDEDOR

*(Tira do bôlso, discretamente, um pequeno objeto)* Uma preciosidade.

MULHER GRÁVIDA

Que é isso?

VENDEDOR

Tá vendo não? Um botão da ceroula de Cabo Jorge. Dá sorte e faz ter filho macho.

MULHER GRÁVIDA

Da ceroula dêle mesmo?

VENDEDOR

Oxente, só não chamo o testemunho da viúva porque seria desrespeito. Mas vosmincê pode levar sem susto, que logo vai ter o resultado.

MULHER GRÁVIDA

Quanto é?

VENDEDOR

Duzentos cruzeiros. Mas não falha.

MULHER *paga e se afasta.* VENDEDOR *segue-a.*

VENDEDOR

Tenho também um amuleto feito da farda do Cabo e ben-zido pelo Vigário...

*Entra MAJOR e vai à barraca de ANTONIETA*

ANTONIETA

Bilhetes da tómbola que vai correr daqui a pouco. Vamos, compre o resto pra ver se acaba logo com isto. Estou farta.

MAJOR

*Ri, tira uma nota da carteira.*

ANTONIETA

*(Pega a nota)* Pronto, acabaram-se os bilhetes. *(Para o MAJOR)* Nunca pensei que ser viúva de herói fôsse tão chato.

MAJOR

Tem suas compensações...

ANTONIETA

Tem, é claro. Senão, eu não estava agüentando há dez anos esta amolação. E a coisa está piorando. Antigamente, só se comemorava o aniversário da morte, depois passou-se a comemorar também o nascimento, agora o vigário inventou de festejar até a primeira comunhão.

MAJOR

É bom, tudo isso é bom. Quanto mais festas, melhor. Movimenta a cidade, o comércio. É gente que vem, dinheiro que entra.

ANTONIETA

Ganham os jogadores, as raparigas.

MAJOR

Todos ganham.

ANTONIETA

E eu que engula discurso, sermão, quermesse, todo êsse bolodório.

MAJOR

Quando tivermos a estrada então, vai ser uma beleza.

ANTONIETA

Sai mesmo essa estrada?

MAJOR

Ora, já está no meio. E fica pronta dentro de um ano. Pra semana vou ao Rio apressar a liberação da verba.

ANTONIETA

Sabe o que estão dizendo por aí? Que você só lutou por essa estrada pra valorizar suas terras.

MAJOR

Gente ingrata. Uma estrada que vai beneficiar todo mundo. Quando que êste cafundó sonhou ter uma estrada asfaltada ligando diretamente com Salvador? Agora só porque a estrada passa pela minha fazenda... Mas não ia ter de passar por algum lugar? Não ia ter de valorizar as terras de alguém? Pois então que valorize as minhas, que fui quem pari a idéia. É justo ou não é?

ANTONIETA

Eu acho. Eles é que não acham.

MAJOR

Eles quem?

ANTONIETA

Êsses que dizem que a estrada vai dar uma volta enorme só pra passar por suas terras.

MAJOR

Volta enorme! Uma voltinha de nada.

ANTONIETA

Você podia era ter dado um jeito de fazer a estrada passar também pela minha fazenda.

MAJOR

Isso também era demais. Sua fazenda fica no norte do município, a estrada vem do sul.

ANTONIETA

Oxente, uma voltinha a mais, uma voltinha a menos...

*Entram LILINHA e o VIGÁRIO. Ela aponta as RAPARIGAS.*

LILINHA

Lá estão elas.

VIGÁRIO

Era só o que faltava! *(Fuzila as RAPARIGAS com o olhar)*

RAPARIGA 2

Chi, a beata foi chamar o Vigário. Vamos embora.

RAPARIGA 1

Eu daqui não saio. Não arredo pé daqui. Estou na rua, não estou na igreja.

RAPARIGA 2

Tu sabe como é esse padre. Vai fazer um fuzuê!

RAPARIGA 1

Que faça. Tenho medo de homem que veste saia?

VIGÁRIO

*(Aproxima-se das raparigas)* Por favor, saiam daqui.

RAPARIGA 1

Mas nós estamos muito bem aqui.

VIGÁRIO

Por Deus, não me façam perder a paciência.

*As BEATAS formam um bloco agressivo atrás do VIGÁRIO.*  
PREFEITO entra.

RAPARIGA 1

*(Solta uma gargalhada)* Que é? Vão querer briga?

LILINHA

É o cúmulo! Não respeitam nem o Vigário!

PREFEITO

*(Aproxima-se)* Que é que há, Padre? Que está acontecendo?

VIGÁRIO

Não sei como o senhor, o Prefeito, permite essa indecência.

LILINHA

Essas mulheres aqui afrontando Deus e todo mundo!

*As BEATAS cercam o PREFEITO, protestando exaltadamente:*  
*"Uma imoralidade! Um sacrilégio! Em frente da igreja!"*

PREFEITO

*(Com autoridade)* Calma, calma. Tudo se resolve. *(Volta-se para as RAPARIGAS e fala num tom menos autoritário).* Vão embora, não me arranjem encrenca com o Vigário. Vão embora.

RAPARIGA 1

Está bem, nós vamos porque o Prefeito pediu. Não porque a gente tenha medo dessas papa-hóstias. *(Mostra a língua, num gesto insultuoso).*

*As BEATAS revidam com o mesmo gesto. RAPARIGA 1 levanta a saia até à altura da cintura. O VIGÁRIO e as BEATAS levam a mão ao rosto, com um grito de horror.*

TEATRO DE ALENIA - 226-0242

Av. Borges de Medeiros, 835 — CEP 90010

Teatro de Alenia  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226-0242 - CEP 90020-025



*M. J. Costa*

## SEGUNDO QUADRO

*Uma sala em casa de ANTONIETA.*

MAJOR

Só sei que com essa estória de comemorar o aniversário da primeira comunhão de Cabo Jorge, o Vigário tirou um dinheiro nas quermesses.

ANTONIETA

Quem teve a idéia?

MAJOR

Fui eu. Assim êle não amola mais a gente com o teto da igreja que está pra cair. Agora tem dinheiro pra construir outra igreja, se quiser.

ANTONIETA

E será que Cabo Jorge fêz mesmo primeira comunhão?

MAJOR

Fêz, minha mulher tem um retrato dêle de branco, vela na mão e resplendor na cabeça. Não sabe que êle, quando era menino, ajudava missa?

ANTONIETA

Daqui a pouco você vai querer me convencer de que êle era um santo.

MAJOR

Por que o espanto? Tem muita gente que acha. Há até quem garanta que antes de morrer êle teve uma visão e ouviu uma voz: "Vai! Avança! Avança!"

ANTONIETA

Devia ser algum soldado alemão...

MAJOR

O povo acredita que era o Senhor do Bonfim. Vai você contradizer o povo?

ANTONIETA

É uma gente muito tôla.



MAJOR

Não tanto como você pensa. Sabe que já andam falando muito de nós? Por mais cuidado que eu tenha.

ANTONIETA

Também, o que era que você queria? Que isso ficasse em segredo, numa cidade do tamanho de Cabo Jorge, onde tudo se sabe?

MAJOR

Eu sei que é difícil. Mas sempre se pode manter a questão num ponto em que muita gente tenha dúvidas. Uma coisa é dizerem que o Major Chico Manga dorme com a viúva de Cabo Jorge, outra coisa é baterem uma fotografia dos dois na cama.

ANTONIETA

Fizeram isso?!

MAJOR

Não, estou comparando. E não é tanto por mim que tomo precauções, é mais por você.

ANTONIETA

E eu estou ligando? Qual é o meu?

MAJOR

Mas deve ligar. É preciso que o povo imagine que a viúva de Cabo Jorge é uma mulher superior. Seu prestígio na cidade vem dessa idéia que o povo faz de você.

ANTONIETA

E não é uma idéia verdadeira? Eu não sou, por acaso, superior a essas tabaroas?

MAJOR

Claro que é. Mas se todo o mundo começar a falar de nós... Você compreende, isto é uma cidade de interior agora é que está tomando um cheiro de civilização.

*Entra a SURDA-MUDA.*

MAJOR

*(Referindo-se à SURDA-MUDA)* Por isso, é preciso ter cuidado.

ANTONIETA

Ela não ouve, nem fala, você sabe.

MAJOR

Mas vê.

ANTONIETA

Também nenhuma criada é perfeita.

*A SURDA-MUDA faz sinais.*

ANTONIETA

Tem gente aí. É melhor você sair pela porta dos fundos.

MAJOR

Volto de noite. *(Sai)*

ANTONIETA

As vezes penso que o melhor era mesmo ter ficado lá na Capital. Vivia roendo beira de sino, mas pelo menos podia roer do jeito que quisesse. Não me queixo do velho, êle tem sido bom pra mim. Como homem, não me satisfaz, é

claro. Mas, coitado, êle não tem culpa disso. Ingratidão dizer que êle não faz tudo pra me agradar. Não fôsse êle e eu não era hoje o que sou, dona de fazenda, com pensão do Estado, considerada, bajulada. Só não sei se tudo isso vale a liberdade da gente fazer o que dá na cabeça. É claro que nada me impede de dar umas fugidas de vez em quando e pregar uns chifres na testa do Major. Ora, eu sou môça e não vou me enterrar antes do tempo. É ou não é?

*A SURDA-MUDA faz sinais.*

ANTONIETA

Ah, sim, vamos ver quem é.

*A SURDA-MUDA sai, entra MATILDE.*

MATILDE

Dá licença?

ANTONIETA

Ah, é D. Matilde. Como vão os negócios?

MATILDE

Andavam muito fracos. Mas êste mês, não sabe? Com o calor, as festas e a ajuda de Deus melhoraram bastante. A gente não pode se queixar.

ANTONIETA

Muita gente de fora, muito homem em jejum... as meninas devem ter sido muito procuradas.

MATILDE

Se foram, minha senhora. Trabalharam tanto que estou até pensando em fechar a casa por uma semana e dar férias a tôdas elas.

ANTONIETA

É justo.

MATILDE

Merecem, a senhora não acha? Ah, eu sou assim, o que é direito é direito. Quando o Major exigiu que se desse uma percentagem ao Vigário como condição pra deixar abrir um castelo aqui em Cabo Jorge, eu disse: é direito. E a senhora é testemunha de que nunca atrasei. Aqui está a quota dêste mês. *(Entrega um maço de notas a ANTONIETA)*

ANTONIETA

Boa bolada.

MATILDE

Se a gente vive do pecado, e o pecado é obra de Satanás, a gente se aproveita dêle pra ajudar o povo de Deus; e o Diabo é passado pra trás.

ANTONIETA

Deus deve dar boas gargalhadas.

MATILDE

E deve fazer um descontozinho na nossa conta; estamos trabalhando para Êle também, é ou não é? Mas a gente trabalha satisfeita, quando vê que o negócio está se desenvolvendo, que a clientela está aumentando e que ninguém tem queixa de nosso serviço. A gente faz até sacrifícios pra atender a todos, como nesses últimos dias.

ANTONIETA

X A senhora também fêz "sacrifícios"?

MATILDE

X E não sou eu quem dirijo tudo? E sou sòzinha, minha senhora, sòzinha. Ah, se eu encontrasse uma pessoa pra me ajudar, uma pessoa de confiança, honesta...

ANTONIETA

Ouvi dizer que a senhora está pensando em abrir uma filial.

MATILDE

Já tenho até a casa, um sobrado perto do cais, com oito quartos. Pode-se dividir cada um em dois, e são dezesseis. Mas o Prefeito não quer dar permissão. Diz que uma casa só, dá pra atender ao mercado.

ANTONIETA

X Mas quem pode dizer é a senhora, que está no negócio.

MATILDE

X E ele sabe que Cabo Jorge já comporta duas casas e até mais.

ANTONIETA

Na semana passada abriram outro cassino, defronte do cemitério. A cidade está progredindo a olhos vistos.

MATILDE

É o Vigário que não quer. Vive fazendo sermão contra nós. Ameaçando a gente com o fogo do Inferno e o espêto do Cão.

ANTONIETA

E vocês ainda ajudam a igreja.

MATILDE

Mas não adianta não. Esse padre é gira. Recebe o dinheiro e dana de xingar a gente. Sabe como esse povo aqui é medido a puritano. Chegam a bater porta e janela quando eu passo na rua. E fazem o mesmo com as meninas. Ainda outro dia, a senhora não soube? Quiseram apedrejar nossa casa, depois de ouvir uma dessas arengas do Vigário.

ANTONIETA

É uma gente muito atrasada. Não entende que isso é consequência do progresso da cidade.

MATILDE

Depois eu só ia trazer pra cá meninas de bom comportamento, boa saúde e bom caráter. Saiba a senhora que isso hoje em dia não é fácil. Não é mais como no meu tempo, quando se levava a sério a profissão. Hoje é muito difícil encontrar uma profissional que se dê ao respeito. Não há mais disciplina, essas meninas estão com a cabeça cheia de idéias... Chegam até a se voltar contra mim, achando que eu exploro elas. Veja só, minha senhora, eu que faço tudo, que sou uma mãe pra elas. Claro, tenho de tirar a minha parte, também preciso viver. Mas explorar, nunca explorei. Deus é testemunha. (Confidencial) Veja se a senhora fala com o Major sobre o nosso caso. Se ele mandar, o Prefeito dá o consentimento. E eu sei que ele faz tudo que a senhora quer.

ANTONIETA

Pode deixar, eu vou falar com ele. Afinal de contas, não é justo que por causa de meia dúzia de carolas se trave o progresso da cidade. Cabo Jorge não pode parar.

MATILDE

X Pois não é? Porque eu reconheço, minha casa é acanhada, sem conforto, não está à altura da importância da cidade.



ANTONIETA

Desanime não, D. Matilde. Quem abre caminho enfrenta as cobras.

MATILDE

Mas é mesmo pra desanimar. A gente quer contribuir pro adiantamento do lugar, mas qual, a mentalidade dessa gente... Ah, se não fôsse a senhora e o Major Chico Manga, Cabo Jorge ainda era aquele borocotó de antes da guerra. Graças a vosmincês, êste lugar está se tornando habitável.

ANTONIETA

A senhora também tem colaborado muito.

MATILDE

E não colaboro mais porque não me deixam. Disposição não me falta, graças a Deus. Ah, se eu tivesse do meu lado uma pessoa como a senhora, com o prestígio que a senhora tem aqui, olhe, eu garanto que fazia Cabo Jorge avançar cinqüenta anos em cinco.

ANTONIETA

Comigo a senhora pode contar. Claro, dentro de certos limites e conservando todo o sigilo. Compreende, na minha posição...

MATILDE

Ora, minha senhora, o sigilo faz parte do meu negócio.

ANTONIETA

Se não fôsse a minha posição, eu até que ia de vez em quando ao castelo dar uma mãozinha...

MATILDE

Se a senhora quiser...

ANTONIETA

Está doida? É só uma tentação que tenho de vez em quando. Maluquice. Oxente, eu sou a viúva de Cabo Jorge, a viúva de um herói.

MATILDE

Desculpe, foi vosmincê quem falou. Eu não ia ter o atrevimento...

ANTONIETA

Esqueça isso. Hoje mesmo entrego ao Vigário a doação.

MATILDE

Muito obrigada. Já escureceu, o movimento lá em casa já deve estar começando, e as meninas estão sòzinhas. Boa-noite!

ANTONIETA

Boa-noite!

MATILDE sai.

ANTONIETA

*(Abre o pequeno embrulho de notas. Folheia-as)* Juros para a conta de Deus.

CÔRO

No Banco da perduição  
Deus tem conta sem limite...  
É que importa  
se o Banco opera  
a juros altos,  
se faz negócios  
de agiotagem,  
se ao fim das contas  
os juros vão  
ser creditados  
na conta de Deus.



**Teatro de Arena**  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

### TERCEIRO QUADRO

*Na praça, dois meninos entram correndo, empunhando armas de brinquedo. Um deles tem uma metralhadora, o outro um revólver.*

MENINO DA METRALHADORA

Mãos ao alto!

MENINO DO REVÓLVER

Eu sou Cabo Jorge. Pode atirar.

MENINO DA METRALHADORA *aciona a sua arma.* MENINO DO REVÓLVER *leva as mãos ao peito e cai teatralmente. Logo se le-*

*vanta e saem os dois, correndo. Na saída, esbarram em MATILDE, que entra, quase derrubando-a.*

MATILDE

Meninos da peste! Não enxergam não, seus filhos duma boa senhora!

UM RAPAZ *surge pelo lado oposto da praça, trazendo na mão uma valise. Entra, a passos lentos, olhando em torno, intrigado. Pára diante do monumento.*

MATILDE

Quase me jogaram no chão, os capetas! Cambada!

RAPAZ

*(Lê a inscrição no monumento)* "O povo a seu herói." *(Ele contempla o monumento, intrigado. Dirige-se a MATILDE)* Quem é esse camarada?

MATILDE

É o culpado de tudo isso. Da falta de modos dessa molecada. É o exemplo. Parece que estão todos malucos também.

RAPAZ

Também?...

MATILDE

Um sujeito que oferece o peito às balas, ou é maluco ou é burro.

RAPAZ

Esse...

MATILDE

*(Nota a mala)* O senhor é daqui não?

RAPAZ

Quer dizer... estou chegando.

MATILDE

Porque pra gente da terra não se pode falar assim, não. Todos acham que esse cabra foi um batuta. E ficam tão inchados quando falam nêle, que até parece que o espírito do Cabo baixou na barriga de cada um. Também, foi a única coisa que aconteceu neste lugar até hoje: aqui se pariu um herói.

RAPAZ

Então a cidade ficou importante.

MATILDE

Sim, pro que era... Eu estou aqui há cinco anos, já faz nove que a guerra terminou...

RAPAZ

*(Corrige com muita segurança)* Dez.

MATILDE

Ou dez. Não conheci isto antes da guerra. Mas devia ser o fim da picada. Um cafundó aonde nem o Diabo era capaz de vir fazer piquenique. Nem diversão tinha. Hoje uma pessoa tem aonde ir de noite. Se gosta de jôgo, tem o cassino do Hotel e outros por aí. Se é um môço simpático, com cara de mulhengo, tem a minha casa. *(Pisca o olho, significativamente)*.

RAPAZ

*(Surpreso)* Casa de raparigas... aqui?

MATILDE

É a única da cidade. Mas respondo por ela. Môças bonitas, experientes, não essas tabaroas, meninas da Capital, da Ladeira do Tabão, escoladas, viajadas...

RAPAZ

E eles permitem?...

MATILDE

Eles quem?

RAPAZ

O Prefeito, o Vigário...

MATILDE

O Prefeito não manda nada. Quem faz e desfaz nesta terra é o Major Chico Manga. É um homem instruído, deputado federal e, aqui entre nós, apesar da idade, louco por um rabo de saia.

RAPAZ

O Major, a senhora sabe se ele está na terra?

MATILDE

Indagorinha mesmo vi ele sair da casa da viúva. Ele pensa que eu não vi... *(Ri)* Seu menino, o velho é danado...

RAPAZ

Acho que é a primeira pessoa com quem eu devo falar. A senhora sabe onde eu posso encontrar o Major, agora?

MATILDE

Quem podia dizer era a viúva.

RAPAZ

Onde ela mora?

MATILDE

Ali, naquela casa. *(Aponta)* Depois do Major, é quem manda na cidade. E não é má pessoa, não. Podia ser uma fulana cheia de cangancha. Mas, ao contrário, com ela se consegue tudo.

RAPAZ

Vou até lá, então.

MATILDE

Mas espere. Não vá dizer que fui eu quem mandei.

RAPAZ

Claro.

MATILDE

Pelo amor de Deus, não quero saber de encrenca com a viúva.

RAPAZ

Pode ficar descansada.

MATILDE

E olhe, depois, apareça lá em casa. Gostei de sua cara. Bem se vê que não é daqui. Tem cara de anjo.

RAPAZ

Sou capaz até de passar a noite lá, se não encontrar onde dormir.

MATILDE

Vá, que eu dou um jeito. Sabe onde é? Passando a cadeia, a segunda casa. Pergunte pelo "castelo" da Matilde, que todo mundo sabe.

RAPAZ

Está bem. E obrigado pela informação. *(Sai)*.

MATILDE

Ora... Chau, Cara de Anjo.

*Os dois MENINOS entram correndo. Um deles esconde-se atrás de MATILDE, fazendo-a de trincheira, enquanto o outro dispara sua arma.*

MENINO DA METRALHADORA

Eu te matei, eu te matei.

MENINO DO REVÓLVER

*(Esconde-se atrás de MATILDE)* Matou nada, eu estou na trincheira. Esta é a minha trincheira!

MATILDE

É a sua trincheira uma ova, seu corneta! Sai de trás de mim!

MENINO DA METRALHADORA

Mas eu tenho uma bomba atômica e vou acabar com o mundo *(Faz um gesto de quem atira uma bomba)*.

#### QUARTO QUADRO

*Voltamos a casa de ANTONIETA. A SURDA-MUDA acaba de introduzir o RAPAZ na sala. Faz sinais para que espere, ANTONIETA já vem. E sai. O RAPAZ arria a valise, corre os olhos em tórno, curioso. ANTONIETA entra.*

ANTONIETA

*(Nota a valise)* Essa minha criada, além de surda e muda é brôca; podia ter logo despachado o senhor, não estou querendo comprar nada.

*Ela nota que o RAPAZ está imóvel, fitando-a quase apalermado. Há um longo silêncio, findo o qual, êles se reconhecem quase ao mesmo tempo.*

RAPAZ

Você não é?...

ANTONIETA

Valha-me Deus!

RAPAZ

Antonietta!

ANTONIETA

*(Incrédula, tomada do maior espanto)* Virgem Santíssima!

RAPAZ

Se lembra mais de mim, não? Mudei tanto assim?

ANTONIETA

Minha Nossa Senhora da Conceição, me acuda!... Estou vendo alma do outro mundo! *(Leva a mão aos olhos e titubeia, como se fôsse desmaiar).*

RAPAZ

*(Segura-a, rindo)* Alma do outro mundo coisa nenhuma. Sou eu mesmo, o Jorge, da república de estudantes, de Salvador...

ANTONIETA

Sim, eu sei, esqueci não. Como é que eu podia esquecer?...

CABO JORGE

*(É a criatura humana, com suas grandes qualidades e seus grandes defeitos. Um pouco de anjo, um pouco de verme, mas, sobretudo, o homem, em sua condição mais autêntica,*



na consciência de sua fraqueza e na determinação de usar de sua liberdade. A ausência nêle de algumas virtudes que julgamos essenciais é uma consequência da brutal revelação que teve do mundo em que vivemos. CABO JORGE pertence a esta nossa geração que, muito antes de chegar à idade da razão, recebeu a notícia, jamais dada a outros antes de nós: o homem adquiriu o poder de destruir a humanidade. Num mundo assim, que poderá desaparecer de um momento para outro, ao simples premir de um botão, certos conceitos de heroísmo, de dignidade, lhe parecem absurdos, ridículos. Em sua volta à cidade natal há, no fundo, um desejo de fugir a êsse mundo onde a vida humana quase perdeu o sentido, e uma vontade de reencontrar o significado de sua existência.) Quanto tempo. Mais de dez anos. Nunca podia esperar encontrar você, tanto tempo depois, na primeira casa em que entro. Que houve com você? Como veio parar aqui? Me disseram que aqui morava uma viúva...

ANTONIETA

(Ainda não se refez do choque, e a torrente de perguntas de Jorge parece atordoá-la). Espere, espere, vamos devagar. Você chega assim e já quer saber tudo. E não explica nada. Você me deixa zozna. Temos de ir com calma. Parte por parte. Quando você chegou?

CABO JORGE

Desci do trem indagora.

ANTONIETA

Ninguém o viu ainda?

CABO JORGE

Ninguém? Você quer dizer gente conhecida? Não, não encontrei nenhum conhecido ainda. Estava à procura do Major Chico Manga, que é meu tio. Uma mulher que en-

contrei na praça me disse que quem devia saber era uma viúva que morava aqui. Eu podia imaginar tudo, menos encontrar você em casa dessa viúva.

ANTONIETA

E vai ficar ainda mais espantado quando souber que eu sou a viúva.

CABO JORGE

Você? Mas espere... Aquela mulher disse que, depois do Major, você é quem manda na cidade.

ANTONIETA

Modéstia à parte, mando mesmo. Escute, essa tal mulher não reconheceu você?

CABO JORGE

Como, se ela nunca me viu mais gordo? Disse que é dona de um *rendez-vous*. Isto aqui mudou muito.

ANTONIETA

Mais do que você pensa.

CABO JORGE

Quem havia de dizer. Uma gente tão carola, tão cheia de nó pelas costas...

ANTONIETA

A cidade progrediu muito desde que... desde que você saiu daqui.

CABO JORGE

Estou vendo. A cidade e você também. Quem te viu e quem te vê. Lembra-se dos tempos da pensão, lá em Salvador?

ANTONIETA

Se me lembro.

CABO JORGE

Com saudade?

ANTONIETA

Então.

CABO JORGE

Você não tinha a vida que parece ter hoje. Não era a viúva manda-chuva. Seu marido morreu há muito tempo?

ANTONIETA

Um bocado.

CABO JORGE

Algum coronel?

ANTONIETA

(*Embaraçada*) Não, era um rapaz moderno. Morreu há dez anos.

CABO JORGE

Estêve pouco tempo casada.

ANTONIETA

Muito pouco. Coisa de nada.

CABO JORGE

Não faz muito mais de dez anos que nos conhecemos. Onze anos, se tanto.

ANTONIETA

Logo depois eu me casei.

CABO JORGE

Não foi com nenhum dos estudantes lá da república... Eu sei que não era o único... Você não dava exclusividade a ninguém... Até diziam que você era a arrumadeira ideal: arrumava os quartos e a vida da gente.

ANTONIETA

(*Ri*) Eram bons rapazes, e eu tinha pena deles.

CABO JORGE

Ah, era por piedade...

ANTONIETA

Não me custava nada, e todos tinham tanto prazer nisso. Eu também tinha. E naquele tempo não entendia porque devia me recusar a dormir com um rapaz, se esse rapaz me agradava, e eu não tinha outro em minha cama. Não compreendia porque devia machucar, quando podia dar prazer. Eles ficavam tão felizes. E eu, uma simples criada, que podia desejar mais? Era tão importante pra eles aquilo que me custava tão pouco. Por que eu ia negar?

CABO JORGE

Você era uma pequena engraçada. Me lembro da última vez que você foi ao meu quarto.

Muda a luz. Agora, apenas o sofá está iluminado, e o estudante JORGE está deitado nêle. ANTONIETA, de pé, tem um lenço na cabeça.

ANTONIETA

Verdade? Você vai pra guerra?

JORGE

É, fui convocado.

ANTONIETA

Que maçada, não? Quando tem de partir?

JORGE

Não sei. Tenho de me apresentar amanhã ao Quartel-General.

ANTONIETA

Quando me disseram, fiquei com tanta pena que não pude deixar de vir aqui. Imaginei que você estivesse muito amolado e precisando de mim.

JORGE

Que é que você pode fazer?

ANTONIETA

Claro, guerra é guerra, os grandes é que decidem, ninguém pode fazer nada. E pode ser até que você esteja gostando de ir. Vai viajar, conhecer outros países, outras mulheres. Dizem que as italianas fazem miséria na cama. Meninas de doze anos já são mulheres escoladas.

JORGE

Você imagina a guerra como uma grande farra.

ANTONIETA

Estou inventando não, li numa revista do Rio. E quem sabe se você não vai voltar com o peito cheio de medalhas? Eu vi um filme de Gary Cooper, êle sozinho prendia mais de trinta.

JORGE

Vão à merda, você e Gary Cooper!

ANTONIETA

Você não gosta de Gary Cooper?

JORGE

(Grita) Vá-se embora!

ANTONIETA

(Chocada) Vim pra ficar com você. É sua última noite aqui, pensei que você quisesse.

JORGE

Quero ficar só.

ANTONIETA

Estava querendo lhe animar. Eu sei que a guerra é uma coisa muito pau. Foi por isso que vim ficar com você. Pra você não pensar esta noite. O Mauro queria que fôsse ao quarto dêle, eu não fui. Achei que você tinha mais direito. Mas se você não quer, eu vou-me embora. Mauro também está muito triste, coitado. Escreveram lá do Ceará dizendo



que a noiva dêle é uma galinha, anda com todo o mundo. Ele está desesperado. Pensando bem, eu não sei o que é pior, se é ser corno, ou ser convocado.

JORGE

Está bem. Então tire a roupa e deite aqui. Mas não fale. Não fale.

*Muda a luz.* CABO JORGE levanta-se do sofá, e ANTONIETA tira o lenço da cabeça.

CABO JORGE

Sempre imaginei que você sentisse alguma coisa por mim. Que não ia ao meu quarto como ia ao quarto dos outros.

ANTONIETA

Acho... acho que você pode pensar assim até que as coisas fiquem mais claras.

CABO JORGE

Que coisas?

ANTONIETA

Minha situação, sua situação, a situação de todos.

CABO JORGE

Entendo não.

ANTONIETA

Engraçado: você chega assim, de repente, sem avisar, depois de dez anos, e já quer entender tudo. Em dez anos, muita coisa acontece. Uma mulher pode parir nove filhos, sem ser nenhum fenômeno.

CABO JORGE

Nove filhos? Todos do Major?!

ANTONIETA

Não, homem!

CABO JORGE

Vários pais...

ANTONIETA

Não seja bêsta! Estou falando em sentido figurado. Pra que você entenda que não se pode desenrolar em dez minutos uma coisa que foi enrolada durante dez anos.

CABO JORGE

Você fala como se eu estivesse pedindo explicações. Não tenho nada com a sua vida. E não pense que pretendo me aproveitar da situação. Não sou nenhum canalha. Se minha presença aqui vai lhe causar problema, faz de conta que não nos conhecemos. Uma noite ou outra, se você quiser, posso vir por aqui, quando o Major não estiver, é claro...

ANTONIETA

Ele viaja muito...

CABO JORGE

*(Abraça-a)* Podemos então recordar os velhos tempos da pensão.

ANTONIETA

Sinto tanta falta de carinho.



CABO JORGE

O velho não dá mais conta do recado? (*Puxa-a para o sofá*).

ANTONIETA

Você sabe que eu sempre fui muito exigente.

CABO JORGE

Em amor, quem muito exige é que muito tem a dar...

*Eles se beijam, demorada e libidinosamente. Muda a luz. O sofá fica na penumbra. Na tela, num "flash-back", surge a cena do comício inicial, com o MAJOR discursando.*

MAJOR

Não fiz mais do que me mostrar digno de Cabo Jorge — símbolo da coragem, da virilidade e do espírito de sacrifício dos homens desta terra, do mesmo modo que aquela a quem deixou viúva é o símbolo da pureza e da honestidade de nossas mulheres.



## QUINTO QUADRO

*A cena está vazia.*

MAJOR

(*Fora de cena*) Não acredito. Não acredito.

ANTONIETA

(*Idem*) Juro, homem de Deus. Pelo que há de mais sagrado! (*Entra, em trajes íntimos, procurando conter o major*).

MAJOR

Você está com um homem no quarto e inventou essa estória. Não sou nenhum corno manso pra ir nessa conversa. (*Saca do revólver*) Arreda da minha frente. Vou pregar duas balas nesse gigolô, e depois nós acertamos as nossas contas.

ANTONIETA

E se fôr êle? Se fôr Cabo Jorge?

MAJOR

Só se morre uma vez na vida.

ANTONIETA

Pois então olhe daqui. Ele está dormindo.

MAJOR

(*Olha na direção que ela aponta*) Lá está o patife, espar-ramado...

ANTONIETA

Não atire!

MAJOR

Nunca matei um homem pelas costas, muito menos dor-mindo.

ANTONIETA

Olhe bem, veja se não é êle.

MAJOR

(*Apura a vista*) É... parece... Se não é êle, é o Cão dis-farçado nêle.

ANTONIETA

Já que você não acredita em mim, acredite ao menos nos seus olhos.

MAJOR

(*Muito abalado*) É mesmo muito parecido.

ANTONIETA

Não é parecido, é êle, homem. Será que ainda não se convenceu?

MAJOR

Espera, isso não é assim. Um homem vira estátua, vira fita de cinema, de repente aparece em cuecas, de bunda pra cima, na cama de minha amante...

ANTONIETA

Eu estou dormindo aqui no sofá, é claro.

MAJOR

Não acho nada claro. Principalmente êle estar dormindo em sua cama.

ANTONIETA

E o que era que você queria que eu fizesse? Que botasse êle pela porta afora?

MAJOR

A cidade tem hotel.



ANTONIETA

E garanto que a cidade inteira já estava sabendo que ele está vivo. Antes da gente dar um jeito nesta situação.

MAJOR

Que situação?

ANTONIETA

A minha, oxente! Sou viúva de um homem que não morreu e nunca foi meu marido. Agora o homem está aí. Quero ver como vamos explicar isso a ele. A ele e a todo o mundo, porque amanhã a notícia vai correr de boca em boca.

MAJOR

*(Compreendendo por fim a gravidade da situação)* Vai não. Ninguém deve saber! É preciso que ele não saia daqui, que não apareça a ninguém. Até eu decidir o que vamos fazer. Não é só o seu caso, não, a volta desse rapaz vai criar muitos casos.

ANTONIETA

Foi o que eu percebi logo. Por isso não deixei que ele saísse à sua procura, como ele queria.

MAJOR

*(Agora cada vez mais preocupado)* Fêz bem. Bastava que alguém reconhecesse ele na rua pra que a notícia se espalhasse.

ANTONIETA

Se bem que, mais cedo ou mais tarde, vão ter de saber.

MAJOR

Mas não antes de tomarmos certas providências.

ANTONIETA

Quais?

MAJOR

Sei lá. É uma situação tão absurda, que estou incapaz até de raciocinar. Ele não explicou onde esteve esse tempo todo, não disse por que não morreu, como devia?

ANTONIETA

Não houve tempo.

MAJOR

Como?

ANTONIETA

Ele chegou muito cansado. Caiu na cama e dormiu.

MAJOR

Não era bom acordá-lo agora e saber logo tudo?

ANTONIETA

Era não, coitado. Ele está exausto. Deixe que durma até de manhã. Assim também ganhamos tempo pra pensar.

MAJOR

Nesse caso, vou dormir aqui, e amanhã cedo...



ANTONIETA

Dormir aonde? Estou ocupando o sofá. E você quer que ele saiba logo da nossa ligação?

MAJOR

Não, ele não deve saber disso.

ANTONIETA

Complicava ainda mais as coisas. O melhor é você vir amanhã cedo.

MAJOR

Mas não deixe ele sair, nem falar com ninguém, antes de eu chegar.

ANTONIETA

Pode ficar sossegado.

MAJOR

*(Olha na direção do quarto)* Mas o certo era ele estar no sofá e você na cama.

ANTONIETA

Ele está com o corpo moído da viagem...

MAJOR

Como engordou, o safado. Está com uma bunda enorme. *(Sai, um tanto desconfiado. ANTONIETA arruma-se um pouco e sai na direção do quarto)*



## SEXTO QUADRO

*Amanhece. CABO JORGE entra. A SURDA-MUDA observa-o, à distância, com certa estranheza. CABO JORGE mergulha no jato de sol, cerra os olhos, e seu rosto revela um prazer físico. Súbito, percebe que a SURDA-MUDA o observa, procura justificar-se.*

CABO JORGE

*Sol! Gosto de sol! (Sai e aparece na praça. Dá uma volta em torno do monumento, aspirando fundo o ar da manhã. Ele é todo disposição, vontade de viver)*

*O VIGÁRIO entra e atravessa a praça, muito apressado.*



CABO JORGE

*(Ao vê-lo)* Mas é o Padre Lopes... *(Chama-o)* Padre!

O VIGÁRIO se detém.

CABO JORGE

Padre, sou eu! Não me reconhece, não?

VIGÁRIO

Perdão, mas...

CABO JORGE

Não se lembra mais de mim? Fui seu aluno de catecismo...

VIGÁRIO

*(Não o reconhece)* Oh, sim, sim, Deus o abençoe. *(Sai)*

CABO JORGE *fica um tanto chocado. Muda a luz.* ANTONIETA surge na sala.

ANTONIETA

Onde está ele? *(Faz gestos para a SURDA-MUDA)* O rapaz? Você viu?

A SURDA-MUDA indica, com gestos, que CABO JORGE saiu.

ANTONIETA

Saiu? Meu Deus, ele não pode sair. *(Corre para a porta, no momento em que CABO JORGE volta)* Aonde você foi?

CABO JORGE

Dar um giro na praça.

ANTONIETA

Você é louco...

CABO JORGE *folha E*

Quem parece que está louco é o Vigário: me viu e nem parou pra falar comigo.

ANTONIETA

Pronto. Agora a cidade inteira vai saber...

CABO JORGE

Que eu voltei?

ANTONIETA

Sim.

CABO JORGE

E que tem isso?

ANTONIETA

O Major não quer. Precisa antes conversar com você.

CABO JORGE

Ele já sabe que eu cheguei?

ANTONIETA

Estêve aqui. Você estava dormindo, ele ficou de voltar agora de manhã. Pra lhe dar conta de umas coisas que aconteceram aqui, na sua ausência.



Fome: 22/0/24

*sofa*

CABO JORGE

Já sei: fui dado como desertor. Mas fui anistiado, não fui? Me disseram, na Itália, que havia saído um decreto de anistia.

*sofa*

ANTONIETA

Sei não. Disso eu não sei. O que o Major acha é que é preciso preparar o espírito do povo para a volta de Cabo Jorge.

CABO JORGE

Cabo Jorge... Por que me chama de Cabo Jorge?

ANTONIETA

Você não foi Cabo?

*11/2/70  
32/1/70*

CABO JORGE

Fui, mas... você me conheceu antes... Por que todos me chamam agora de Cabo Jorge? Quando o trem parou na Estação, alguém gritou "Cabo Jorge"! Julguei que fôsse algum antigo companheiro de batalhão, durante a guerra. Procurei, cheguei a gritar: "Quem me chamou?" Mas ninguém respondeu. Saltei e o trem partiu. Achei estranho.

ANTONIETA

Pois é bom que vá se habituando porque é assim que você é conhecido aqui, em Cabo Jorge.

CABO JORGE

Aqui, em Cabo Jorge?

*pra cá não é*

ANTONIETA

Oxente, gente. Será que você não sabe, ao menos, que é este agora o nome da cidade?

CABO JORGE

Sabia não. Como é que podia saber? Estive na Europa todos esses anos. Mudaram o nome da cidade?

ANTONIETA

Pra Cabo Jorge.

CABO JORGE

Mas por quê?

ANTONIETA

Você esteve na praça?

CABO JORGE

Estive...

ANTONIETA

Viu lá um monumento?

CABO JORGE

Vi... Um soldado ferido.

ANTONIETA

O soldado é Cabo Jorge.

CABO JORGE

*para D*

Estou começando a entender... Pensam que eu...

ANTONIETA

Você deu a vida pela Pátria, homem. *(Como quem repete um discurso)* Atirou-se de peito aberto contra as balas nazistas e tombou como um herói. Foi o primeiro soldado brasileiro a morrer em defesa da liberdade e da democracia.

CABO JORGE

Estou achando que há um mal-entendido em tudo isso.

ANTONIETA

É o que eu também acho.

CABO JORGE

Pensam que eu morri. E que morri desse modo!

ANTONIETA

Uma beleza. Se você visse a fita.

CABO JORGE

Fita?

ANTONIETA

Então, menino. Fizeram uma fita de sua vida. Passou aqui, e eu fui homenageada. O Major fez um discurso tão bonito, que todo o mundo chorou. O artista que fez o seu papel veio na estréia. Que decepção. Um pedaço de homem daquele... desperdício da natureza.

CABO JORGE

*(Ele está atônito)* É espantoso! Espantoso!

ANTONIETA

Mas na fita ele não parecia nada...

CABO JORGE

Estou zozzo... não sei como puderam inventar toda essa estória. *(Súbitamente, começa a rir)* Herói... virei herói... imagino a cara dessa gente agora, quando me vir. Vão passar sebo nas canelas, pensando que é assombração.

ANTONIETA

*(Ri também)* Pensando bem, vai ser engraçado. Mudaram o nome da cidade, levantaram estátua, escreveram livro, reportagem, fizeram fita de cinema... e você está vivo. Tanto discurso, tanta festa, tanta coisa...

CABO JORGE solta uma enorme gargalhada e é acompanhado por ANTONIETA.

CABO JORGE

*(Salta para cima numa cadeira)* Senhoras e senhores, aqui está o batuta, de corpo inteiro. Não morreu, como julgam, porque não há nada de heróico na morte. Está vivo! Vivo, graças à sua inteligência e a uma qualidade fundamental de todo ser humano, o cagaço! Teve medo. Mas não um medinho bocó, como qualquer babaquara é capaz de ter. Teve um medo enorme, um medo danado, um medo paid'égua, como só um herói era capaz de sentir. Nisso está o seu grande mérito, e sua valentia, pois é preciso coragem, muita coragem, pra sentir um medo tão grande. Ah! se todos os homens fossem capazes de um medão assim, não haveria no mundo lugar pros covardes, e a guerra seria enxotada da face da terra. Ele merece uma estátua, sim, dezenas, centenas de estátuas, pois no mundo de hoje, somente os encagaçados podem salvar a humanidade!

Ele e ANTONIETA soltam enormes gargalhadas, quando surge o MAJOR.

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 229.9242 - CEP 90020-025



A 05 OK



CABO JORGE

Tio Chico!

O MAJOR está estatelado, surpreso com o que vê.

CABO JORGE

(Salta de cima da cadeira e vai do encontro do MAJOR) Sou eu mesmo, tio, morri não.

MAJOR

E pelas gaitadas parece que vocês acham isso muito engraçado.

CABO JORGE

(Um tanto chocado) Talvez não seja, mas pensei que o senhor se alegrasse, ao menos.

MAJOR

(Humaniza-se) Claro. Claro que me alegro. Sua tia também.

CABO JORGE

Tia Candinha, como vai?

MAJOR

Sempre de cama, cheia de complicações. Um dia é a enxaqueca, no outro o beribéri. Mas chorou de alegria quando lhe disse, esta noite, que você não tinha morrido e estava na cidade. Queria por força que levasse você pra lá agora.

CABO JORGE

Podemos ir. Estou louco para rever tia Candinha, a fazenda, o pessoal. O negro Feliciano ainda é vivo?

MAJOR

É. Mas está muito velho, coitado.

CABO JORGE

Vai morrer de alegria quando souber que estou de volta. E "Nero"?

MAJOR

Morreu, há dois anos. Tive de matar.

CABO JORGE

Raiva?

MAJOR

É.

CABO JORGE

Tive um cachorro parecido com êle, na Itália. No navio, de volta pro Brasil, às vèzes acordava de noite, ouvindo êle latir. Não há nada mais triste no mundo do que a gente se separar de um cão. Mas vamos...

MAJOR

(Corta) Não, não. Por enquanto, é melhor você não sair daqui.

CABO JORGE

Por quê?... Que mal há?...

MAJOR

(Para ANTONIETA) Você contou tudo a êle?



ANTONIETA

Metade só.

CABO JORGE

Já sei que fizeram de mim um herói, com estátua e tudo. (Ri)

MAJOR

Não acho que seja caso pra rir.

CABO JORGE

Então não é engraçado? Se há vocação que eu nunca tive, é essa, pra valente. Na guerra, não sabe, no primeiro pega-pra-capar, tive tanto medo, que numa hora lá abandonei a trincheira e saí correndo feito louco.

MAJOR

(Estarrecido) Foi assim, então...

CABO JORGE

Vocês não sabem o que é um bombardeio. Nem de longe. Eu tive um aluamento passageiro, mas sei de muitos que endoidaram de vez.

MAJOR

Que é que você chama de "aluamento passageiro"?

CABO JORGE

Aquilo que eu tive. Fiquei zoró de repente e... não sei o que aconteceu. Quando voltei a mim estava deitado de barriga pra baixo num campo deserto. Tinha uma bala cravada no ombro e uma sede de matar. Saí me arrastando, mas só no dia seguinte pude alcançar uma vila italiana

perdida nas montanhas. Foi aí que consegui socorro e me acoitei até o fim da guerra.

ANTONIETA

Foi prêso não?

CABO JORGE

No caminho, não sabe, encontrei um camponês morto e troquei com ele a minha farda. Quando me perguntavam, depois, dizia que era português. (Ri)

MAJOR

Não procurou voltar pro seu batalhão?

CABO JORGE

E era fácil? Eu não fazia nem idéia do caminho. E depois, se eu tinha fugido do Inferno, por que ia voltar pra ele?

MAJOR

Você era um soldado.

CABO JORGE

E eu nasci soldado?

MAJOR

Ninguém nasceu. Mas muitos souberam morrer como soldados.

CABO JORGE

Não vai querer me passar sermão agora, vai? Sei que, na sua opinião, o que fiz foi indigno. Talvez tenha feito coisas ainda piores pra não morrer. E o que fizeram comigo, em



nome da democracia, da liberdade, da civilização cristã e de tantas outras palavras, palavras, nada mais que palavras? Ora, não me venham com acusações porque, eu sim, se quisesse, tinha muito que acusar.

ANTONIETA

Mas por que não voltou ao Brasil logo que terminou a guerra?

CABO JORGE

Pensei que tivesse sido dado como desertor. Tive medo de ser prêso.

MAJOR

Mêdo, mêdo. Mêdo de morrer, mêdo de ser prêso.

CABO JORGE

Todo homem tem mêdo.

MAJOR

Vai ser muito difícil fazer o povo daqui acreditar que Cabo Jorge teve mêdo algum dia.

CABO JORGE

Esse Cabo Jorge que vocês inventaram é ridículo.

MAJOR

O que não é ridículo é fugir, desertar?

CABO JORGE

Pelo menos tem uma razão, um cabimento. Enquanto eu fugia, sabia porque estava fugindo. Ao passo que antes... nunca conseguí entender porque estava ali.

ANTONIETA

(Imbecilmente) É claro, quem é que entende?

A SURDA-MUDA surge na porta e faz sinais de que há alguém lá fora.

ANTONIETA

Tem gente aí.

MAJOR

Ninguém deve ver você, por enquanto.

CABO JORGE

Mas por quê? Eu não voltei pra ficar escondido.

ANTONIETA

(Interpretando os sinais da SURDA-MUDA) É mulher.

MAJOR

Pior ainda. Esconda-se, depressa.

CABO JORGE sai. O VIGÁRIO entra, muito excitado.

ANTONIETA

Ah, é o Vigário. Bênção, Padre.

VIGÁRIO

Deus lhe abençoe. Bom-dia!

MAJOR

Bom-dia, Padre. Vexado?



VIGÁRIO

É bom que o Major esteja presente, assim mato dois coelhos de uma paulada. O primeiro é o que anda correndo aí pela cidade sôbre a abertura de uma nova casa de tolerância. Então não basta uma pra cobrir a gente de vergonha? Basta não?

MAJOR

Seu Vigário deve compreender...

ANTONIETA

É o progresso.

MAJOR

A cidade cresce.

ANTONIETA

Tudo cresce.

VIGÁRIO

Será possível que a senhora também esteja de acôrdo?!

ANTONIETA

Estou não. Duas casas de tolerância: acho tolerância demais.

VIGÁRIO

Tolerância demais das autoridades que vão permitir essa imoralidade.

MAJOR

Ninguém vai permitir, dou minha palavra de honra. Já falei com o Prefeito, a pretensão das raparigas não vai ser atendida, já que o Vigário se opõe.

VIGÁRIO

Muito obrigado. Não esperava outra coisa do senhor.

MAJOR

Se bem que o Prefeito também tenha lá os seus poréns. Precisamos incentivar o turismo. E turista nenhum vem a uma cidade sem divertimentos.

VIGÁRIO

Creio que podemos arranjar divertimentos mais sadios para os turistas.

MAJOR

Seja lá como fôr, o caso está resolvido. A abertura do nôvo castelo fica, pelo menos, adiada. Só peço ao Vigário que não fique fazendo sermões todos os dias contra as pobres raparigas. Que diabo, elas estão cumprindo religiosamente o combinado.

ANTONIETA

Ontem mesmo Matilde, a casteleira, estêve aqui e deixou a quota do mês. (Entrega o dinheiro ao vigário) Olhe aqui.

VIGÁRIO

Não tenho o direito de recusar donativos para a Igreja, venham de onde vierem. Mas isso não quer dizer que concorde com êsse comércio em minha paróquia, nem que isso me obrigue a calar a bôca. Vou continuar fazendo sermões contra essas mulheres, e se o Prefeito der permissão para abrirem um nôvo bordel — que Deus me perdoe — reúno tôdas as beatas da cidade e vou arrebentar com êle à porrada.





ANTONIETA  
Oxente, padre!

VIGÁRIO  
Chega de safadeza!

MAJOR  
Não há razão pro senhor se exaltar. Já disse que o caso está encerrado.

VIGÁRIO  
Está bem, confio na sua palavra. Vamos ao segundo assunto. Esse é com D. Antonieta e diz respeito ao seu falecido espôso. Aconteceu hoje uma coisa que me deixou meio abalado. Certeza, certeza eu não tenho, mas, de qualquer maneira, embora pareça absurdo...

ANTONIETA  
Já sei, o senhor viu Cabo Jorge na praça.

VIGÁRIO  
(Perplexo) Então era ele mesmo?!

MAJOR  
Você deixou ele sair?

ANTONIETA  
Que é que você quer que eu faça? Não posso amarrar o homem na minha saia.

VIGÁRIO  
Mas como foi isso? Ele não morreu?

ANTONIETA  
Desde quando os mortos andam passeando na praça?

VIGÁRIO  
E eu, que à primeira vista, não o reconheci. Também, como é que podia imaginar? Só quando já ia longe caí em mim e disse cá comigo: — "Virgem Santíssima, aquele rapaz era Cabo Jorge escarrado e cuspidor." Voltei à praça e não vi mais ninguém. Aí foi que eu fiquei desorientado. Resolvi então vir aqui conversar com D. Antonieta.

MAJOR  
O senhor não falou com mais ninguém?

VIGÁRIO  
Só com o Prefeito.

MAJOR  
Logo ele, que fala mais que o negro do leite.

VIGÁRIO  
Imagem que ele achou que eu estava ficando gira. Frisei que a pessoa tinha dito: "Não se lembra mais de mim? Fui seu aluno de catecismo..." Não podia ser uma assombração.

MAJOR  
Agora aquele idiota já botou a boca no mundo.

VIGÁRIO  
Ele ficou muito vexado e disse que ia procurar o senhor.

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



MAJOR

Tomara que procure antes de falar com alguém.

VIGÁRIO

Por quê?

MAJOR

O senhor ainda pergunta por quê? Imaginou ainda não o que vai acontecer?

VIGÁRIO

Ah, sim, com a volta dele. Vai ser um Deus-nos-acuda, ninguém vai acreditar. Mas quando se convencerem, vai ser uma festa.

MAJOR

Tenho cá as minhas dúvidas.

VIGÁRIO

Quem sabe? Podíamos até emendar as festas da primeira comunhão com as da...

ANTONIETA

Da ressurreição.

VIGÁRIO

Na verdade, é quase uma ressurreição, quase um milagre. Depois de tanto tempo... É coisa mesmo pra se comemorar, com missa em ação de graças, quermesse e tudo.

ANTONIETA

Se o Vigário andar depressa, pode até impedir que desarmem as barraquinhas.

VIGÁRIO

Isso mesmo. Aproveitamos as quermesses, a decoração da igreja.

ANTONIETA

A Matilde também enfeitou a rua dela com bandeirinhas; dizer a ela pra não tirar.

MAJOR

*(Irônico, irritado)* Não querem também dar um *show*?

ANTONIETA

Boa idéia: um *show*.

VIGÁRIO

No cinema, em benefício da paróquia.

ANTONIETA

Ou na praça, junto da estátua.

VIGÁRIO

Talvez o próprio Cabo Jorge pudesse participar. Me lembro que quando era menino cantava no cântico da igreja. E tinha boa voz.

ANTONIETA

Ele viveu na Itália, deve saber canções napolitanas.

O PREFEITO entra, muito espantado.

VIGÁRIO

Vai ser um 2 de julho, seu Major! *(Ao ver o PREFEITO)*  
Não lhe disse, Cabo Jorge está vivo.

PREFEITO

Menino! Verdade mesmo?!

ANTONIETA

E vamos fazer um forrobodó pra comemorar.

MAJOR

E depois?

ANTONIETA

Depois?...

*Ninguém entende o sentido da pergunta do MAJOR.*

MAJOR

*(Repete, mais forte)* E depois? Depois, seu Prefeito?

PREFEITO

Eu... Sei de nada não, estou chegando agora...

MAJOR

Atentem nisso: há dez anos que esta cidade vive de uma lenda. Uma lenda que cresceu e ficou maior que ela. Hoje, a lenda e a cidade são a mesma coisa.

ANTONIETA

Que tem isso? Você acha que...

MAJOR

Na hora em que o povo descobrir que Cabo Jorge está vivo, a lenda está morta. E com a lenda, a cidade também vai morrer.

VIGÁRIO

É possível que haja um certo choque, uma desilusão. Mas que serão compensados pela alegria de se saber que ele voltou.

MAJOR

Alegria? O Vigário acha mesmo que alguém vai se alegrar com isso?

VIGÁRIO

Oxente, ele deve ter deixado aqui alguns amigos, foi quase noivo de D. Lilinha... *(Para ANTONIETA)* Desculpe...

MAJOR

Casos isolados. E mesmo assim, duvi-dê-ó-dó. A verdade é que ninguém pode-se alegrar com a volta de um homem que vai fazer todo mundo passar por um vexame.

VIGÁRIO

Vexame?

MAJOR

O vexame de ter cultuado, durante dez anos, o nome de um desertor — com perdão da palavra — de um cagão.



ANTONIETA

Mas que culpa tem êle, coitado?

MAJOR

Não se trata agora de saber quem é ou não é culpado. O que importa é que êle vem destruir tudo, tudo o que se fêz nesses dez anos.

PREFEITO

É o que eu acho também.

VIGÁRIO

Sim, muita coisa tem de ser mudada...

MAJOR

Começando pelo nome da cidade.

ANTONIETA

E por que não pode continuar sendo Cabo Jorge? Só por que êle não é mais herói? Nem tôda cidade tem nome de herói.

MAJOR

Porque quando a verdade fôr contada, o mundo inteiro vai mangar de nós. A lenda vai virar anedota. E tôda vez que se falar em Cabo Jorge vai haver uma gargalhada. Vamos ser gozados por todo o mundo!

PREFEITO

*(Muito preocupado)* Vamos ter também que tirar da praça o monumento.

MAJOR

Claro, vai virar piada.

PREFEITO

Mas o que é que vamos fazer com êle?

ANTONIETA

Se não fôsse o fuzil, talvez se pudesse aproveitar na igreja, como imagem de S. Jorge...

VIGÁRIO

Que blasfêmia!

ANTONIETA

S. Jorge também foi guerreiro, oxente!

VIGÁRIO

Mas, que eu saiba, nunca sentou praça no exército.

ANTONIETA

Porque é uma pena jogar no lixo uma estátua tão bonitinha que, além do mais, foi feita com o dinheiro do povo, em coleta pública.

MAJOR

Isso é que é o pior.

PREFEITO

Em que situação vamos ficar, nós que lançamos a campanha...

ANTONIETA

Aliás, dizem que essa campanha pelo monumento ajudou muito a eleição do prefeito...

PREFEITO

Calúnia. Ainda tive de botar dinheiro do meu bolso. Está aí o Major que não me deixa mentir.

MAJOR

Não deixo mesmo não. Se dinheiro saiu do seu bolso, voltou em dôbro.

PREFEITO

Juro pela Virgem Santíssima...

MAJOR

Não mêta a Virgem nessa estória, seu Silveirinha, que vão acabar duvidando da virgindade dela. Desculpe, seu Vigário...

VIGÁRIO

A verdade é que em nome de Cabo Jorge muita pouca vergonha tem sido praticada.

MAJOR

Bem. Eu acho que vocês já entenderam: temos de tomar uma decisão.

PREFEITO

Sobre o quê?

MAJOR

Sobre êle.

VIGÁRIO

Entendo não.

MAJOR

Vocês acham que êle pode voltar?

ANTONIETA

Já voltou.

MAJOR

Só nós sabemos disso. Só nós sabemos que êle está vivo.

PREFEITO

Isso é verdade...

MAJOR

E se deixarmos que êle volte, que todo o mundo saiba de sua galinhagem, seremos também responsáveis pelo que possa acontecer.

PREFEITO

É uma responsabilidade muito grande.

MAJOR

Do tamanho da bomba que vai explodir sobre a cidade.

PREFEITO

O povo pode se enraivecêr. E é capaz de haver um pega-  
pra-capar.

MAJOR

Duvido não.

PREFEITO

"Enfrente a vida com disposição, coragem e energia, tome Fortificante Cabo Jorge e dê cabo da anemia."

MAJOR

Vai à falência.

PREFEITO

Os cassinos vão ficar às mósas.

MAJOR

E os hotéis vão ter que fechar.

PREFEITO

E o turismo. Pensem no turismo. Já estava dando uma boa renda ao município. Vai tudo por água abaixo.

ANTONIETA

Só resta o azeite-de-dendê.

MAJOR

Talvez sirva pra azeitar a nossa vergonha.

ANTONIETA

Só se êle fôsse pra outra cidade. Salvador, Rio de Janeiro...

MAJOR

Muito perigoso. Mais cedo ou mais tarde era descoberto. Dava no mesmo.

ANTONIETA

Voltar pra Itália?

MAJOR

Era o mais seguro.

VIGÁRIO

E se êle não estiver de acôrdo?

MAJOR

Vai ter que estar.

PREFEITO

Explicamos a situação, apelamos pro seu bom-senso, pro seu patriotismo.

ANTONIETA

E, em último caso, oferecemos algumas vantagens...

VIGÁRIO

Dinheiro?

MAJOR

È justo.

ANTONIETA

Se êle voltar, vamos perder muito mais.

MAJOR

(Para ANTONIETA) Vá dizer a êle que pode vir.

ANTONIETA sai.



PREFEITO

Só que, se êle voltar pra Itália, ela vai ter que ir também.

MAJOR

Por quê?

PREFEITO

Porque é mulher dêle, oxente! A não ser que...

MAJOR

Que o quê?

PREFEITO

Que ela não queira.

MAJOR

*(Um pouco irritado)* Bem, êsse é um caso a estudar.

*Entram CABO JORGE e ANTONIETA.*

CABO JORGE

Padre Lopes! Seu Silveira! Como vai Lilinha?

PREFEITO

Bem... vai ficar contente com a sua volta.

CABO JORGE

Deve estar zangada comigo. Eu nunca escrevi. Mas quando eu explicar a situação ela vai compreender.

PREFEITO

Claro, claro, todo mundo compreende.

*Há uma pausa. MAJOR, VIGÁRIO e PREFEITO se entreolham, um esperando que o outro tome a iniciativa de falar.*

MAJOR

Era melhor que o Vigário falasse.

VIGÁRIO

Não, acho que o Prefeito, como autoridade máxima...

PREFEITO

Mas o Major é tio dêle...

MAJOR

Não é um caso de família.

ANTONIETA

Bem, se ninguém tem coragem de falar, falo eu. Êles querem que você volte pra Itália.

CABO JORGE

Como é?! Pois se ainda nem cheguei!

VIGÁRIO

Acham que você vem atrapalhar a vida de muita gente.

MAJOR

Não só de muita gente, de uma cidade inteira.

PREFEITO

Ia ser uma calamidade.

ANTONIETA

Assim como um terremoto.

VIGÁRIO

Ou um castigo.

CABO JORGE

Entendo não. Como é que eu sozinho posso fazer tudo isso? Só porque vão ver que não sou o super-homem de estória em quadrinhos que vocês inventaram?

MAJOR

Ninguém inventou.

PREFEITO

Não é que a gente tenha, pessoalmente, qualquer coisa contra você.

MAJOR

Claro, ficamos até muito contentes com sua volta, em saber que está vivo, com saúde...

PREFEITO

Mas a cidade, pense na cidade; êsse povo, pense nêle...

CABO JORGE

Em mim, ninguém pensa?

MAJOR

Você não tem nada a perder. Pagamos sua passagem de volta e talvez até se consiga algum dinheiro pra você recomeçar a vida lá na Itália.

CABO JORGE

E todos continuavam aqui cultuando a memória do herói.

PREFEITO

Como se nada tivesse acontecido.

CABO JORGE

E vivendo à sombra de uma mentira.

MAJOR

Ninguém tem culpa se é mentira.

CABO JORGE

Eu muito menos. E não estou disposto a me sacrificar pra não perturbar o sono de vocês. Já disse que nunca tive vocação pra mártir.

MAJOR

Quer dizer que não concorda?

CABO JORGE

Não. Vim pra ficar e vou ficar... E estou decidido a passar aqui o resto da minha vida. Foi uma decisão que tomei, depois de conhecer um bom pedaço de mundo.

PREFEITO

Explique, Major, explique que isso vai ser a ruína de todos nós.

CABO JORGE

Pelo contrário, acho que vocês vão lucrar com a minha volta. Não sou mais aquele babaquara que saiu daqui. Esse mundão de Deus me ensinou muita coisa. Tenho a cabeça cheia de idéias, posso fazer muito pela cidade.

PREFEITO

(*Em desespero*) Ele não entende, Major. Seu Vigário, explique... (*Para ANTONIETA*) Quem sabe se ele acredita mais na senhora?

MAJOR

Pare com isto, Silveirinha.

PREFEITO

Desculpe, Major, mas é preciso que alguém faça ele entender.

MAJOR

Ouçá, rapaz: ninguém tem nada a lucrar com a sua volta. Todos só têm a perder. Os que perderem menos, vão perder o amor a esta terra e a vontade de viver aqui.

CABO JORGE

Você acha que isto vai acontecer, Antonieta? Você vai fugir daqui, se eu vier pra cá?

PREFEITO

Mas ela não serve de exemplo...

CABO JORGE

Não acredito nisso. Não posso acreditar que um homem seja mais útil morto do que vivo. Do contrário ia ter de acreditar também que todos aqueles infelizes que morreram na guerra foram muito úteis. E que a guerra é uma utilidade, porque fabrica heróis em série.

PREFEITO

Mas ninguém está dizendo isso. Aqui se trata de um caso particular, uma situação criada...

MAJOR

Seu menino, assunte o que vou dizer e entenda de uma vez; sua volta é uma ameaça para a cidade. E a cidade tem o direito de se defender.

CABO JORGE

Que quer dizer?

MAJOR

Que nenhum de nós se responsabiliza pelo que possa acontecer, se você teimar em não arredar pé daqui.

CABO JORGE

Mas o que é que pode acontecer?

MAJOR

Quem é que sabe? Conselho de amigo: pense até amanhã. Conselho de amigo. (*Sai, abruptamente. O PREFEITO o segue*)

VIGÁRIO

*(Reflete)* Ele diz que ninguém tem nada a lucrar com a sua volta; sei não... Acho que Deus lucraria muito.

ANTONIETA

Deus?

VIGÁRIO

*(Parece súbitamente iluminado)* É verdade que isso ia cair sobre essa gente como uma praga. Mas há momentos em que nada é tão útil como uma praga, pra varrer a terra de todo o pecado. Deus ajuda e perdoa, mas também castiga. *(Fita CABO JORGE, como se o visse agora sob nova luz)* Quem sabe se não foi Ele quem mandou você, pra isto? Como um castigo?

*Muda a luz. Na praça, diante do monumento, MAJOR e PREFEITO param.*

MAJOR

Vou mandar um jagunço pra vigiar a casa; ele não deve sair.

PREFEITO

Ainda tem esperança de convencer o homem?

MAJOR

Tenho ainda um recurso. Não queria, mas vou ter de usar. Embarco pro Rio hoje mesmo. Ele não sabe que está perdido. *(Sai)*

PREFEITO

*(Contempla o monumento, balança a cabeça)* E agora, que é que eu vou fazer com esta pinóia?

PANO

## Segundo Ato







## SÉTIMO QUADRO

côro

*Junto à estátua, sob um jato de luz.*

A sombra desta estátua  
uma cidade cresceu,  
cresceu, cresceu, cresceu,  
à sombra dela cresceu.  
Barriga também cresceu  
de muita gente cresceu.

*Surgem MAJOR, PREFEITO e VICÁRIO com enormes barrigas.  
Cantam e dançam.*

MAJOR

Tenho a consciência tranqüila,  
tudo o que dizem é intriga;  
quem é que após os cinqüenta  
e que regime não siga,  
pode evitar de criar  
u'a respeitável barriga?

PREFEITO

Se alguma coisa comemos  
— viver não há quem consiga  
sem qualquer coisa ingerir —  
verdade é bom que se diga:  
nem um tostão dêsse povo  
entrou em nossa barriga.

VIGÁRIO

Não há quem a Deus sirva  
e que a Satanás persiga  
que trace um caminho reto  
e sem desviar-se o siga,  
se Deus lhe enche a alma  
e o Cão lhe enche a barriga.

*Surge ANTONIETA, também com enorme barriga.*

ANTONIETA

Desgraça pior é a minha  
em tôda essa cantiga;  
não vou lançar na cegonha  
a culpa desta barriga;  
pra não implicar o Major,  
melhor dizer que é lombriga.

CÔRO

A sombra desta estátua  
uma cidade cresceu,  
cresceu, cresceu, cresceu,  
à sombra dela cresceu.  
Barriga também cresceu,  
de muita gente cresceu.  
E agora, que fazer?  
que a estátua virou,  
virou, virou, virou,  
de nôvo gente virou...

*A estátua se anima: é o próprio CABO JORGE. Todos fogem,  
gritando apavorados.*

TODOS

Nossa cidade morreu!

CABO JORGE

Antes ela do que eu!

## OITAVO QUADRO

*A estátua está de novo no seu pedestal. Homens, comandados pelo PREFEITO, enfeitam a praça com bandeirinhas e penduram faixas que dizem: Seja Bem-vindo Cabo Jorge — Salve Cabo Jorge — A Cidade Recebe com Orgulho seu Heróico Filho, etc... Os meninos também ajudam, ruidosamente. A música, que não cessou durante a mutação, continua ainda um tempo, descritiva.*

MULHER GRÁVIDA

Mas ele não tinha morrido?

VENDEDOR

Morreu não. Ficou todo picotado de bala, mas não morreu. Cabra danado. Devia ter o corpo fechado.

MULHER GRÁVIDA

Ou então foi o Senhor do Bonfim que tirou o efeito das balas. Não foi o Senhor do Bonfim que mandou ele avançar contra os alemães?

VENDEDOR

Tinha de fazer alguma coisa por ele.

MULHER GRÁVIDA

Mas por que é que só agora descobriram que ele estava vivo?

VENDEDOR

Dizem que ficou deslembraão. Andou vagando lá pelas Oropa, sem saber quem era. Por isso é que eu não acredito muito que tenha sido do Senhor do Bonfim a voz que ele ouviu.

MULHER GRÁVIDA

Por quê, oxente?

VENDEDOR

Senhor do Bonfim é santo da terra. Então não ia ensinar logo pra ele o caminho de casa?

MULHER GRÁVIDA

Lá isso é. Deve ter sido santo estrangeiro.

LILINHA

*(Entra, muito excitada, mas não muito satisfeita)* Quando  
ê ele chega?

PREFEITO

Deve chegar no trem de amanhã. Não tenho ainda certeza.  
Mas é preciso ir preparando tudo, enfeitando a cidade,  
quero uma recepção de arromba.

LILINHA

Falei com Zé Fogueteiro. Botou a mulher e os nove filhos  
pra trabalhar sem descanso até a hora da chegada.

PREFEITO

Quero um foguetório como nunca se viu. Nem em noite  
de S. João.

LILINHA

Mestre Fafá já está ensaiando a Lira. Só que êle teima  
em tocar aquê dobrado da autoria dêle mesmo.

PREFEITO

Que toque. Com tanto foguete, ninguém vai ouvir nada.  
O meu improviso, você escreveu?

LILINHA

Vou escrever agora.

PREFEITO

Depressa, que eu preciso decorar.

LILINHA

Que é que o senhor quer que eu diga?

PREFEITO

Fale no orgulho da cidade, na glória da cidade, essa coisa  
tôda. Não se esqueça de mencionar a campanha do mo-  
numento e de dizer que isso se deve a mim. Fale também  
no Major, na viúva, na estrada. E veja se dá pra encaixar  
o nome de Deus em qualquer lugar.

LILINHA

Encaixo tudo, menos o nome da viúva. Êsse, se o senhor  
quiser que encaixe.

PREFEITO

Vamos deixar de nove horas. Ela é casada com êle, se  
lembre disso. Você não tem direito nenhum.

LILINHA

E eu estou dizendo que tenho? Êle vivo ou morto, pra mim  
tanto faz como tanto fêz. O senhor bem sabe que renunciei  
a tudo, que estou casada com Deus Nosso Senhor.

PREFEITO

Pois então...

LILINHA

Mas botar o nome dela no discurso eu não boto. *(Inicia  
a saída e pára)*. E não pense que o senhor me engabela  
com essa história de que êle só chega amanhã; eu sei que  
êle já chegou há muito tempo e está na casa dela.

VIGÁRIO entra.



PREFEITO

Quem lhe disse?! (LILINHA sai, volta-se para o VIGÁRIO) Foi o senhor?

VIGÁRIO

Não dei uma palavra a ninguém. Mas a idéia também não me agrada muito. Quem teve?

PREFEITO

A viúva mesmo. Uma idéia bêsta, que resolve tudo. Não sei por que ninguém pensou nisso logo de início.

VIGÁRIO

O Major já sabe?

PREFEITO

Não, êle está no Rio, chega hoje. Estamos esperando por êle pra fazer a chegada triunfal. Prepare os sinos. Vai ser uma aleluia!

VIGÁRIO

Estou vendo.

PREFEITO

Me admira que o senhor não esteja animado.

VIGÁRIO

Vamos ter então que esconder a verdade.

PREFEITO

Só eu, o senhor, o Major, e a viúva. Fazemos um juramento...

VIGÁRIO

Eu não faço juramento nenhum.

PREFEITO

Está bem, o senhor não precisa jurar. Como padre, o senhor tem obrigação de guardar o segredo de uma confissão.

VIGÁRIO

Não foi em confissão que vim a saber.

PREFEITO

Bem, faz de conta. Isso é um detalhe.

VIGÁRIO

Um detalhe muito importante, seu Silveirinha. Muito importante. (Sai).

ANTONIETA

(Entrando) Ah, estou cansada de esperar lá na Estação.

PREFEITO

O Major não veio?

ANTONIETA

O Maria Fumaça, como sempre, está atrasado.

PREFEITO

A falta que faz a estrada de rodagem.

ANTONIETA

Também, agora ela sai. Se em nome de um defunto o Major conseguiu tanta coisa, o que não vai conseguir com o defunto vivo.

*Entra, MAJOR e GENERAL. Este, veste uma capa, mas está à paisana. Ambos se mostram surpresos com o movimento e a decoração da praça. Principalmente o MAJOR.*

MAJOR

Não estou entendendo... Não estou entendendo nada. (Vê o grupo formado por ANTONIETA, VIGÁRIO e PREFEITO) O senhor podia esperar aqui um minutinho, eu vou saber que doideira é essa.

PREFEITO

Olhe o Major...

ANTONIETA

Oxente, eu saí da Estação agora mesmo...

MAJOR

Que maluquice é essa?

ANTONIETA

Maluquice nada, está tudo resolvido.

PREFEITO

Encontramos a solução.

ANTONIETA

Agradeça a mim.

106

PREFEITO

Ele volta, mas volta como herói mesmo.

MAJOR

E esse tempo todo, como vamos explicar?

ANTONIETA

Hospital, campo de concentração, perda de memória.

PREFEITO

Assim, não muda nada.

MAJOR

E ele está de acôrdo?

ANTONIETA

Cabo Jorge? Qual é o dêle? Vai ser recebido com foguete e banda de música, viver adorado pelo povo, com certeza vai ganhar medalha e pensão do Estado. Só tem de contar umas mentirinhas de vez em quando e engolir discurso. Mas que diabo, eu faço isso há dez anos e não me queixo.

MAJOR

É, é uma boa idéia. Por que não pensamos nisso antes. Eu não tinha ido ao Rio de Janeiro. Agora vamos ter de falar com êle.

PREFEITO

Ele quem?

107

MAJOR

Sabe quem é aquêlê? Um General.

PREFEITO e ANTONIETA

Um General?!

GENERAL *desce até êles.*

MAJOR

O General me desculpe tôda essa maçada. Fazer o senhor vir até aqui... Mas eu achei que era meu dever comunicar... (*Apresenta*) O Prefeito da cidade, a espôsa de Cabo Jorge.

*Cumprimentos de cabeça.*

MAJOR

Afinal de contas, êle é um herói militar. E o Exército é o Exército.

PREFEITO

A farda é sagrada.

MAJOR

Pra nós, a situação era muito desagradável. Mas quem ia ficar em posição ainda mais incômoda eram os senhores. Há um batalhão com o nome dêle.

PREFEITO

Um batalhão.

MAJOR

Felizmente, nem havia necessidade do senhor vir aqui. Encontrou-se uma solução, ao que parece. Êle volta, mas nada se conta de sua deserção.

ANTONIETA

E continua tudo como dantes: a honra do Exército, o prestígio do Major, o progresso e a glória da cidade.

GENERAL

E nós todos nas mãos de um vigarista. (*Há uma surpresa geral com a reação violenta do GENERAL*) A senhora acha então que o Exército pode ser cúmplice de uma impostura?

ANTONIETA

Mas não há outro jeito.

PREFEITO

Já quebramos a cabeça.

GENERAL

E escolheram a solução mais cômoda.

PREFEITO

Foi a única que encontramos.

GENERAL

Pois temos de encontrar outra, essa não serve. É incompatível com a dignidade militar.

MAJOR

Sim, claro, claro. Pensando bem, é até uma ofensa, propor semelhante solução. O senhor me desculpe. (Com intenção, encarando ANTONIETA) É que há pessoas ansiosas pela volta do Cabo, a qualquer preço...

GENERAL

Ele é seu sobrinho, não é, Deputado?

MAJOR

Meu sobrinho... sobrinho de minha mulher. Meu sobrinho por afinidade. Mas vamos esquecer esse parentesco, General. Em toda a minha vida de deputado, nunca fiz política de família.

PREFEITO

Lá isso é verdade.

MAJOR

Sou um homem público. E neste caso só vejo o interesse do meu povo e da minha Pátria. Esse rapaz é um desertor. Acho que o senhor deve levá-lo preso para o Rio.

GENERAL

Talvez.

MAJOR

Ou então embarcá-lo de volta pra Itália.

GENERAL

Tenho de estudar o caso.

110

PREFEITO

A gente não pode se conformar é com...

MAJOR

Com o ridículo!

PREFEITO

A vergonha!

GENERAL

Não, isso não. Voltar, de modo algum ele pode voltar.

ANTONIETA

Mas agora todo mundo já sabe que ele está vivo. Pensa que vai chegar amanhã!

MAJOR

Digam que foi um rebate falso. Não era Cabo Jorge. Um maluco qualquer que se dizia Cabo Jorge. Vocês, que inventaram essa estória, que dêem o jeito. (Aponta as faixas) E mandem arrancar essa palhaçada. (Para o GENERAL) O General quer interrogar o rapaz?

GENERAL

Não, primeiro um banho. Estou louco por um banho. Me arranjem um hotel.

MAJOR

Nada disso. O senhor vai pra minha casa. Faço questão.

PREFEITO

A minha também está às ordens. É casa de pobre, mas...

111



Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226-0242 - C.F.F. 90820-025

TEATRO DE ARENA : 226-0242

Av. Borges de Medeiros, 835 — CEP 90010



MAJOR

Tenho um quarto à sua disposição, General. Vamos.

GENERAL

Um ponto importante: ninguém deve saber de minha presença na cidade. Estou em missão reservada. Absolutamente reservada.

MAJOR

Entendido.

GENERAL

Com licença, madame.

*Saem, MAJOR e GENERAL, deixando ANTONIETA e PREFEITO um tanto perplexos.*



## NONO QUADRO

*Em casa de ANTONIETA. LILINHA entra na sala, conduzida pela SURDA-MUDA. CABO JORGE está de quatro, com a cabeça enfiada em baixo do sofá, procurando algo. LILINHA, prêsá de grande emoção, ao dar com êle nessa posição, fica indecisa.*

LILINHA

*É êle?... (Examina de vários ângulos o traseiro de CABO JORGE)*

*A SURDA-MUDA balança afirmativamente a cabeça e sai.*

LILINHA

Nunca pensei que depois de tanto tempo viesse dar com êle nesta posição!

CABO JORGE

*(Levanta-se)* Desculpe, eu estava... *(Reconhece-a)* Lilinha!

LILINHA

Não. Me toque não.

CABO JORGE

*(Chocado)* Lilinha!...

LILINHA

Fique onde está. Quero só olhar bem pra você.

CABO JORGE

*(Incomodado com o olhar estranho de LILINHA)* Que é? Mudei muito? Quinze anos...

LILINHA

Se mudou!

CABO JORGE

Engordei um pouco. Sabe, Itália, macarrão...

LILINHA

Quinze anos. E não morreu. E até engordou.

CABO JORGE

Preferia que eu tivesse morrido?

LILINHA

Mil vêzes. Que Deus me perdoe.

CABO JORGE

*(Ele fica um tanto desarmado)* Então era assim que você gostava de mim? Que jurou uma vez não olhar pra outro homem até que eu voltasse?

LILINHA

Avalie você que papelão, se eu cumpro o juramento. E a verdade é que cumpri.

CABO JORGE

Não se casou?

LILINHA

Fui, durante quinze anos, "a namorada de Cabo Jorge, o primeiro amor de Cabo Jorge". No princípio, pensei até em entrar pra um convento.

CABO JORGE

Mas eu não tenho culpa.

LILINHA

E de quem é a culpa? Minha? Mereço isso?... Depois de quinze anos, tudo se acaba assim, de uma hora pra outra...

CABO JORGE

*(Sem entender)* Como se acaba, se eu voltei, estou aqui!

LILINHA

É isso mesmo, você voltou, está aqui e está tudo acabado.



CABO JORGE

Compreendo, seu pai lhe contou a verdade, e você sente vergonha de mim. Claro que não vou ao ponto de achar que meu procedimento mereça uma estátua. Mas será que sou tão repulsivo assim? Só porque num momento lá da minha vida achei que era um homem livre e podia usar a minha liberdade como bem entendesse. Então, pra que o homem é livre, senão pra isso, pra escolher o seu caminho?

LILINHA

Não estou reclamando nada. Sei que não tenho direito nenhum. Você seguiu o seu caminho e eu, burra, devia ter seguido o meu. Você não tem culpa de nada. A culpa é tôda minha.

CABO JORGE

Não, diga o que pensa. Pode dizer. Eu sei que você veio aqui pra me chamar de poltrão, de covarde.

LILINHA

Foi então por covardia?

CABO JORGE

Covardia, instinto de conservação, medo, loucura, sei lá... Mas o que importa é que estou vivo. Vivo.

LILINHA

*(Estarrecida)* E ela sabe?

CABO JORGE

Ela, quem?

LILINHA

D. Antonieta. Ela sabe que foram êsses os motivos que levaram você a se casar com ela?

ANTONIETA *entra.*

CABO JORGE

Que estória é essa?!

LILINHA

Oh, eu nunca imaginei!... Um homem que enfrentou o exército alemão de peito aberto, um herói nacional!... *(Sai)*

CABO JORGE

Ei, espere!

*Êle faz menção de correr atrás de LILINHA, mas ANTONIETA o detém.*

ANTONIETA

Deixe ela ir. Precisamos ter uma conversa.

CABO JORGE

Também acho. *(Olha-a fixamente)* Então o falecido era eu!

ANTONIETA

A idéia não foi minha não.

CABO JORGE

De quem foi?

ANTONIETA

Do Major. Ele queria que eu viesse pra cá, e foi êsse o pretexto que arrumou.

CABO JORGE

Inventou que você havia casado comigo...

ANTONIETA

Secretamente, antes de você partir pra guerra. Estava deixando êle chegar hoje, pra lhe contar tudo.

CABO JORGE

E os papéis?

ANTONIETA

Oxente, gente, terra onde defunto vota, por que é que não casa?

CABO JORGE

Falsificou.

ANTONIETA

Tão bem falsificado que até pensão eu recebo do Estado.

CABO JORGE

Agora estou compreendendo a razão de sua influência. Além de amiga do Major, viúva do Cabo...

ANTONIETA

E cabo eleitoral do Major.

CABO JORGE

O velho é danado. Mas não sei como êle descobriu você.

ANTONIETA

Fui eu quem fui levar no escritório dêle a carta que chegou do Exército comunicando a sua "morte em ação".

CABO JORGE

Mas e agora? Eu voltando, você deixa de ser viúva...

ANTONIETA

Passo a ser a espôsa de Cabo Jorge.

CABO JORGE

E o Major?

ANTONIETA

Ora, êle tem que se conformar.

CABO JORGE

Mas eu é que não me conformo. Antes, o corno era êle, agora o corno sou eu.

ANTONIETA

Eu podia ser fiel. Foi uma experiência que nunca tentei.

CABO JORGE

Não se deve exigir demais da natureza.



ANTONIETA

Queira ou não queira, você está casado comigo, de papel passado e tudo.

CABO JORGE

Uma ova. Se quiser, meto vocês todos na cadeia.

ANTONIETA

E casa com Lilinha.

CABO JORGE

Caso com quem quiser. Quem decide a minha vida sou eu.

ANTONIETA

(*Sorri*) Você que pensa. Sua vida vai ser decidida hoje, e não por você.

CABO JORGE

Não estou entendendo.

ANTONIETA

Não vai haver mais desfile, chegada triunfal, nada.

CABO JORGE

Mas não estava tudo combinado, não estavam todos de acordo?

ANTONIETA

Todos, menos o General.

CABO JORGE

Que General?

ANTONIETA

O Major chegou do Rio e trouxe um General. Ele é quem vai decidir.

CABO JORGE

Mas por que era preciso um General?

ANTONIETA

Sei lá. A coisa está ficando cada vez pior. E se eu fosse uma criatura sensata estava agora era convencendo você a desistir.

CABO JORGE

E abandonar a cidade?

ANTONIETA

Se isso ainda fosse possível.

CABO JORGE

Não é mais?

ANTONIETA

Até ontem, era. Agora, não sei. Os jagunços do Major estão tocando a Estação e a estrada. Até mesmo nossa casa está sendo vigiada. Eles agora não vão deixar você sair da cidade.

CABO JORGE

Mas quando cheguei não queriam que eu voltasse no mesmo pé?

ANTONIETA

Já lhe disse, a coisa mudou com a chegada do General. Quer um conselho? Faça o mesmo que fez na guerra: sebo nas canelas. Se você ficar aqui, vai ser pior. Fuja e se esconda em qualquer lugar. Faça isso enquanto é tempo.

CABO JORGE

Esconder aonde?

ANTONIETA

Numa hora dessas, acho que só dois lugares oferecem segurança: a igreja ou o castelo de Matilde.

CABO JORGE

*(Ainda indeciso)* Mas por que tenho de fugir?

ANTONIETA

Porque cada minuto que passa fica mais difícil você escapar.

CABO JORGE

Escapar de quê? Da cadeia? Não podem me prender, fui anistiado.

ANTONIETA

Não sei o que eles estão pensando em fazer, mas é bom que espere pelo pior.

CABO JORGE

O pior...

122

ANTONIETA

No princípio, não entendi bem, mas agora compreendo o que significa pra eles a sua volta.

CABO JORGE

Não é possível!

ANTONIETA

Conheço eles e conheço a situação. É bêsta, mas é como é. Se fôsse você, ganhava o mundo agora mesmo.

CABO JORGE

*(Perplexo)* Estão loucos! Estão todos loucos!

ANTONIETA

Estão não. Estão com a cabeça no lugar. Louco é você de querer bancar o cabeçudo.

CABO JORGE

Eu não vim pra fazer mal a ninguém. Pelo contrário. Tudo isso não tem pé nem cabeça.

ANTONIETA

Se eu pudesse, juro, ia com você.

CABO JORGE

Adiantava não. Você só ia atrapalhar. *(Inicia a saída)* Tem um jagunço rondando a casa.

ANTONIETA

Deixe o jagunço por minha conta. Fuja pelos fundos, enquanto eu distraio ele.

123

CABO JORGE

Está bem. Se a gente não se encontrar mais...

ANTONIETA

Perca tempo com isso não.

CABO JORGE sai.

ANTONIETA

*(Dirigindo-se ao jagunço, coquete)* Môço? Está cansado de ficar aí nessa soleira não? Venha tomar um pouco de sombra.

#### DÉCIMO QUADRO

*MAJOR e ANTONIETA estão em cena.*

MAJOR

Como é possível? Então o homem evaporou-se!

ANTONIETA

Quando cheguei da rua tinha dado o sumiço.

MAJOR

E agora, o que é que eu vou dizer ao General? Fiz o homem vir do Rio de Janeiro só pra isso, pra resolver o que vamos



fazer com essa bomba. E agora tenho de chegar a êle e dizer: Vosmicê me desculpe, mas a bomba já estourou.

ANTONIETA

Você não tinha mandado vigiar a casa?

MAJOR

Botei um jãgunço em cada esquina.

ANTONIETA

E o Cabo passou por todos êles?

MAJOR

Como a figura do Cão.

ANTONIETA

E será que não era não?

MAJOR

O quê?

ANTONIETA

O Cão em figura de gente. Vindo só pra atentar.

MAJOR

Só sendo mesmo. Porque isso vai ser o fim de todos nós.

ANTONIETA

Também você não tinha nada de chamar um General. Nós aqui podíamos resolver a coisa.

MAJOR

Não chamei ninguém. Só comuniquei o caso ao Ministério da Guerra. Se mandaram um General é porque compreenderam a gravidade da situação. E foi bom, ainda mais porque livra a nossa responsabilidade. O que êle resolver, está resolvido. E êle não vai admitir que êsse borra-botas desmoralize a farda que vestiu. Vai ter que dar um sumiço nêle.

ANTONIETA

Que espécie de sumiço?

MAJOR

É o que vamos ver. De uma coisa você fique certa: nesta casa êle não dorme mais.

ANTONIETA

E de uma coisa você precisa saber: êle já está sabendo de tudo a nosso respeito.

MAJOR

Tudo o quê?

ANTONIETA

O casamento que você me arranjou e tudo mais.

MAJOR

Você quem disse?

ANTONIETA

Não, Marília, a filha do seu Silveirinha.





MAJOR

Estêve aqui?

ANTONIETA

Estêve. E agora eu acho que nós estamos mais perto do xilindró do que êle.

MAJOR

Mais uma razão.

ANTONIETA

Pra quê?

MAJOR

Pra caçar êsse cabra e dar um jeito nêle. *(Volta-se para ela, desconfiado)* Você não sabe mesmo onde êle se meteu?

ANTONIETA

Sei não, homem, já disse. Se soubesse, não era de meu interêsse dizer? Êle pode me meter na cadeia.

MAJOR

Inda bem que você entendeu. Pensei que estivesse com ilusão de que êle quisesse legalizar êsse casamento.

ANTONIETA

Foi coisa que nunca me passou pela cabeça.

MAJOR

E é só isso não. A pensão do Estado, sua situação aqui, tudo você ia perder. Já pensou?

ANTONIETA

Já. E mesmo assim, eu queria lhe pedir um favor. Deixe êle fugir.

MAJOR

Deixar?... Você está louca?

ANTONIETA

Ê um pedido que eu lhe faço. Êle está apavorado, vai ganhar o mundo e nunca mais bota os pés aqui. Eu garanto.

MAJOR

Você garante. Então foi você quem ajudou êle a escapar.

ANTONIETA

Êle não merece...

MAJOR

Tu é a mulher mais burra que eu já conheci. Que é que tu tem dentro dessa cabeça? Merda?

ANTONIETA

Eu sabia, sabia o que vocês iam fazer com êle... E não podia, não podia deixar!

MAJOR

O que eu não sei agora é o que fazer com você. A vontade que tenho é de te arrebentar de pancada. *(Ameaça agredí-la)* Tua sorte é que eu não tenho tempo. Mas tu não perde por esperar. Pra onde êle foi?

ANTONIETA

Sei não. Juro que não sei.

MAJOR

*(Sacode-a brutalmente)* Diga, sua égua! Diga, que de nós todos tu é quem mais tem a perder! Será que ainda não entendeu isso? Ele vai te desgraçar a vida. Vai te meter na cadeia e casar com Lilinha! Não entende que foi por causa dela que ele voltou, sua idiota?

ANTONIETA

Mas eu não sei. Não sei pra onde ele foi.

#### DÉCIMO-PRIMEIRO QUADRO

*No bordel, CABO JORGE, sentado sobre uma mesa, já meio "alegre", cercado pelas prostitutas, canta.*

CABO JORGE

Vivemos tempos que não são os nossos,  
aprendemos línguas  
que jamais seremos capazes de falar;  
caminhamos para um mundo  
onde sucumbiremos de tédio,  
embora tenhamos por ele lutado.

Os que vieram antes de nós  
nos roubaram tôdas as causas,  
tôdas as bandeiras

e somente uma opção nos deixaram  
os que vieram antes de nós:  
o Sexo ou a Revolução.

O tempo do homem é chegado!  
Matemos então um bocado dêles.  
Aqui está a grande verdade:  
vivemos a hora das posições absolutas.  
Direita volver! esquerda volver!  
Ou vamos à guerra, ou vamos às putas.

*As mulheres riem e aplaudem.*

MATILDE

Onde você aprendeu tanta coisa, Cara de Anjo?

CABO JORGE

Por aí, correndo mundo.

RAPARIGA 1

E o que foi que você fez pra correr mundo?

CABO JORGE

Prometi matar muita gente, ou deixar que me matassem.

RAPARIGA 2

E não fez nem uma coisa nem outra, garanto.

MATILDE

Você não é de matar ninguém, Cara de Anjo.

CABO JORGE

É, parece que não consegui ser nem tão mau, nem tão burro pra merecer uma estátua. Por isso estão me cobrando.

MATILDE

Quem?

CABO JORGE

Seus fregueses.

RAPARIGA 2

É gira.

RAPARIGA 1

Eu só queria viajar pra conhecer Pigalle. Um marinheiro francês me falou. Uma rua inteira só de mulheres.

CABO JORGE

O mundo tem muitas ruas assim. É tudo igual.

MATILDE

Mas dizem que lá em Paris a profissão é muito bem organizada.

CABO JORGE

Não só a profissão, o amadorismo também.

RAPARIGA 2

A concorrência deve ser muito grande.

MATILDE

Minha filha, sem concorrência não pode haver progresso. Não há estímulo, ninguém se esforça, ninguém pode se aperfeiçoar. É ou não é?

CABO JORGE

Claro! Está provado que o monopólio estatal da prostituição é um erro.

RAPARIGA 1

Assim como aqui.

CABO JORGE

Viva a livre empresa! *(Bebe)*

RAPARIGA 1

Por isso as francesas chegaram ao ponto que chegaram.

RAPARIGA 2

Ah, detesto as francesas: não têm moral nenhuma.

RAPARIGA 1

Tu tem é despeito.

*Ouve-se uma sineta de porta.*

MATILDE

Oxente, gente, será que a freguesia mudou de horário? É cedo ainda... *(Sai)*

RAPARIGA 1

Cidade boa é que tem marinheiro. Aqui, êsses tabaréus são uns porcos.

134

TEATRO DE ARENA - 226-0242  
Av. Borges de Medeiros, 635 — CEP 90010

CABO JORGE

Viva a Marinha! *(Bebe)*

RAPARIGA 2

E você o que é?

CABO JORGE

Profissão? Herói.

RAPARIGA 1

*(Ri)* E onde foi que você arrumou essa profissão?

CABO JORGE

Na guerra. Lutei sozinho contra Hitler, contra Mussolini, contra a "Wehrmacht" e a "Luftwaffe"! Contra os campos de concentração e as câmaras de gás! Sozinho contra os alemães, contra os italianos, contra os ingleses e os americanos. Contra os russos!

RAPARIGA 1

Lutou contra todos!

CABO JORGE

Contra a guerra.

RAPARIGA 2

Garganta pura.

CABO JORGE

Ah, mas é muito dura a profissão de herói. Se eu tivesse morrido, era fácil. Ou se tivesse sido herói por acaso, sem

135



Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 635  
Fone: 226-0242 - CEP 90010-075



querer, como muitos. Mas sou um herói por convicção. Um herói de carreira. Por isso tenho de ser herói vinte e quatro horas por dia. É cansativo.

RAPARIGA 2

Nunca ouvi tanta garganta em minha vida.

*Entram de súbito, MAJOR e PREFEITO. MATILDE surge logo depois assustada.*

MAJOR

*(Aponta para CABO JORGE)* Ai está êle.

PREFEITO

Pode vir, General.

*GENERAL entra. CABO JORGE, um tanto surpreso, desce de cima da mesa.*

MATILDE

*(Apressadamente)* Nós não temos nada com êle não. Entrou aqui... Sabe, isto é uma casa pública...

MAJOR

*(Faz sinal para que se cale)* Vá lá pra dentro. E leve as outras.

MATILDE

Meninas...

RAPARIGA 1

*(Saindo)* Êle chamou o velho de General.

RAPARIGA 2

Deve ser apelido.

*As mulheres saem.*

MAJOR

Sente-se, General.

PREFEITO

Mas vamos fazer isso aqui?...

MAJOR

Que jeito?

PREFEITO

Não acho que seja um lugar muito apropriado. Principalmente pro General.

MAJOR

Sua Excelência deve compreender a situação.

PREFEITO

Se alguém viu a gente entrar, amanhã tôda a cidade vai saber. E como vamos justificar?

MAJOR

Acho que ninguém vai imaginar que viemos aqui pra...

PREFEITO

E vão imaginar que viemos fazer o quê?



MAJOR

Bem, é um risco que temos de correr. Mais perigoso era sair com ele daqui agora.

GENERAL

E eu não tenho tempo a perder. Preciso voltar e deixar este caso resolvido. *(Volta-se para CABO JORGE)* Você é Cabo Jorge?

CABO JORGE

*(Perfilando-se)* Cabo Jorge Medeiros, Força Expedicionária Brasileira, 6.º Regimento de Infantaria.

GENERAL

O boletim do seu Regimento o dá como morto em ação no dia 18 de setembro de 1944. "Morte heróica", segundo o elogio do comandante do seu batalhão. Que é que o senhor tem a dizer a isso?

CABO JORGE

Eu? Sinto muito...

GENERAL

O senhor sabe quem era esse comandante? Era eu.

CABO JORGE

Eu bem estava reconhecendo...

GENERAL

O senhor sabe que há um batalhão no Exército com o seu nome?

CABO JORGE

Não, sabia não.

GENERAL

Sabe que na História da Campanha da Itália, que eu escrevi, há um capítulo inteiro dedicado ao senhor?

CABO JORGE

Que vexame, General.

GENERAL

Vexame para mim.

MAJOR

Pra todos nós.

CABO JORGE

Mas o que é que os senhores querem que eu faça? Que volte pra Itália?

PREFEITO

È a solução.

CABO JORGE

Não é solução. Se voltar, serei prêsó.

MAJOR

Prêsó?

CABO JORGE

Já contei que pra fugir tirei a roupa de um camponês.



MAJOR

Um camponês que estava morto na estrada.

CABO JORGE

Não estava morto, eu matei o homem. Julguei que tivesse matado a mulher também, mas ela ficou só desacordada. Agora, dez anos depois, a miserável me descobriu e reconheceu. Me denunciou, e eu tive de fugir.

PREFEITO

*(Julgando haver descoberto o meio de livrar-se d'êle)* Então temos de entregar êle à justiça italiana. É um assassino.

CABO JORGE

Se me entregarem, vou ter de dizer quem sou. A notícia, com tôda a certeza, vai chegar até aqui.

MAJOR

E dá tudo no mesmo.

GENERAL

Não, não serve. A honra do Exército não pode ficar dependendo da sorte de um homem.

MAJOR

Mas se êle não pode voltar pra Itália...

PREFEITO

Nem pr'aqui.

GENERAL

A verdade é que não tem nenhum sentido êle estar vivo. É uma vergonha para o Exército e um contra-senso. A morte d'êle consta da Ordem do Dia de 18 de setembro de 1944 do 6.º Regimento. Foi uma morte heróica, apontada como exemplo da bravura do nosso soldado. Atendem bem os senhores no que isso significa: há um batalhão com o nome d'êle. Isto é definitivo. Para o Exército, êle está morto e deve continuar morto.

RAPARIGA 1 *passa com uma pequena bacia cheia d'água e uma toalha de rosto ao ombro. GENERAL a detém. Lava as mãos na bacia, enxuga-as na toalha.*

RAPARIGA 1

Essa água era pra mim. *(Sai)*

GENERAL

Resolvam os senhores como entenderem. *(Dá as costas)*

MAJOR e PREFEITO *se entreolham.*

PREFEITO

Resolver como?

MAJOR

Fiquem aqui com êle, tenho um negócio a tratar com Matilde. *(Sai)*

CABO JORGE

Como é que vão resolver?

GENERAL *continua de costas. PREFEITO tem o olhar frio, impenetrável.*





CABO JORGE

*(Sorri amarelo)* Parece que a única maneira de não desmentir o Boletim do meu Regimento era eu dar um tiro na cabeça ou beber formicida. Só que me falta coragem pra isso. Sempre tive um medo danado de morrer. É tão bom a gente estar vivo. E melhor ainda é estar vivo na terra da gente. Não estou dizendo isso pra comover ninguém, não. Palavra que vim cheio de planos, de vontade de trabalhar. Com a experiência que tenho agora, acho que podia ser útil. Vi muita coisa, aprendi muita coisa, por esse mundo afora. Fui covarde, quando era preciso, fui cruel, quando não havia outro jeito; mas fui bom também, muitas vezes. Um homem é isso, afinal. É ou não é?

PREFEITO e GENERAL continuam impassíveis.

CABO JORGE

Sabem o que eu acho? Que o tempo dos heróis já passou. Hoje o mundo é outro. Tudo está suspenso por um botão. O botão que vai disparar o primeiro foguete atômico. Este é que é o verdadeiro herói. O verdadeiro Deus. O deus-botão. Pensem bem: o fim do mundo depende do fígado de um homem. *(Ri)* E vocês ficam aqui cultuando a memória de um herói absurdo. Absurdo sim, porque imaginam ele com qualidades que não pode ter. Coragem, caráter, dignidade humana... não vêem que tudo isso é absurdo? Quando o mundo pode acabar neste minuto. E isso não depende de mim, nem dos senhores, nem de nenhum herói. *(Pausa. Sonda os rostos impassíveis do General e do Prefeito)* Adianta não. Vocês querem porque querem um herói. A glória da cidade precisa ser mantida. A honra do Exército precisa ser mantida.

Entra MAJOR, seguido de MATILDE.

MAJOR

Acho que podemos ir, General. O senhor não tem de pegar o trem desta noite?

GENERAL

Tenho.

MAJOR

Então, vamos. Está tudo resolvido. *(Inicia a saída, deixando que o GENERAL passe à frente)*

CABO JORGE

E eu?

MAJOR

Você? Divirta-se. Vamos levar o General e voltamos mais tarde. *(Sai com GENERAL e PREFEITO)*

CABO JORGE

Ele me parece de repente muito tranqüilo. Isso não é bom sinal.

Entra RAPARIGA 1 e RAPARIGA 2, que cercam CABO JORGE.

MATILDE

Que é isso, Cara de Anjo? Com medo?

RAPARIGA 1

Um herói não tem medo, não.

CABO JORGE

Que foi que ele conversou com vocês?





MATILDE

Negócios. Falamos de negócios. E por falar nisso, bebida, tragam mais bebida. Precisamos comemorar.

RAPARIGA 1

Cerveja?

MATILDE

Não, coisa mais forte. Aquêles côcos com pinga dentro. O acontecimento merece.

CABO JORGE

Que acontecimento?

MATILDE

Vamos abrir um nôvo *rendez-vous*.

RAPARIGA 1

(Ri) Só quero ver a cara do Vigário. (*Traz vários côcos que coloca sôbre a mesa*)

RAPARIGA 2

Vocês vão ver: vai fazer um sermão por dia contra nós e mandar a beataria jogar pedras na gente.

MATILDE

Se preocupe não. O Major disse que deixe o Vigário por conta dêle. Sabe, quando êles querem se entendem.

RAPARIGA 2

O Vigário tem razão, uma casa basta.

RAPARIGA 1

Fresca!

MATILDE

Não vê que aumentando o mercado todo mundo lucra?

RAPARIGA 2

Aumenta o mercado, diminui a freguesia.

RAPARIGA 1

Egoísta, só pensa nela.

MATILDE

Diminui nada. Quanto mais mulheres, mais fregueses. Os homens gostam de variar. É ou não é, Cara de Anjo? Pode beber, é de graça.

CABO JORGE

(*Ergue um brinde ainda um tanto desconfiado*) A filial. Que seja digna das tradições da matriz.

MATILDE

Ah, isso vai ser, ora se vai, uma casa de categoria como nem no Rio de Janeiro se vê igual.

CABO JORGE

(*Reflete*) Mas a parada com o Vigário vai ser dura. Me admira que o Major queira topar uma parada dessas em vésperas de eleição. Enfim, se já há um bordel, por que não haver outro?

*Ouve-se um toque de campainha.*



MATILDE

Não, não abram.

CABO JORGE

(Intranquilo) São eles de volta. Vieram me buscar.

MATILDE

São não. Fique sossegado, eles não vão voltar.

RAPARIGA 2

Deve ser já a freguesia.

MATILDE

A casa hoje está fechada pra comemorar. Nada de trabalho. Nada de homens, a não ser Cara de Anjo.

CABO JORGE

É um privilégio que não mereço.

MATILDE

E pra Cara de Anjo é tudo de graça. Mulher, pode escolher. Bebida, pode beber até cair de porre.

RAPARIGA 1

Vamos ver se ele dá conta do recado.

RAPARIGA 2

Tem cara de ser bom de cama.

*As prostitutas sentam-se nos joelhos de CABO JORGE.*

CABO JORGE

Isso é coisa que a gente imagina quando é menino, mas que nunca acontece.

RAPARIGA 1

Qual de nós você prefere, Cara de Anjo?

CABO JORGE

Tôdas.

MATILDE

Então vai com tôdas pra cama.

CABO JORGE

Ao mesmo tempo?

MATILDE

Mas antes vai ter de beber tôda a cachaça que está dentro deste côco. De uma vez só, sem respirar.

CABO JORGE

Querem ver?

RAPARIGA 1

Mostra que é macho.

CABO JORGE

(Levanta-se, apanha o côco) Pois lá vai.

*CABO JORGE esvazia o côco, cambaleia e cai de braços sobre a mesa. RAPARIGA 2 tem um acesso de choro. A campainha volta a tocar, insistente.*

MATILDE

Que é isso, idiota! Quer estragar tudo?!



RAPARIGA 2

Não quero passar o resto da vida na cadeia.

MATILDE

Que cadeia, sua burra. Se foi o Major que mandou. Ele garante.

RAPARIGA 2

Me deixe! Não quero saber dessa história! *(Sai correndo)*

CABO JORGE

*(Tenta erguer-se, completamente embriagado)* Já que não vamos à guerra... *(cai novamente)*

MATILDE

É sempre uma fresca. Nunca se pode contar com ela.

RAPARIGA 1

Eu topo. Mas quero sociedade na nova casa.

MATILDE

Dou, já disse, dou sociedade às duas.

RAPARIGA 1

E depois... que é que nós vamos fazer com êle?

MATILDE

Isso é com o Major. Vamos levar êle pro quarto. Assim êle dorme, e a coisa fica mais fácil.

*Ouve-se o ruído de uma janela estilhaçada.*

RAPARIGA 1

Que é isso?

RAPARIGA 2

*(Entra correndo)* São elas! As beatas!

*Novos ruídos, como se a casa estivesse sendo apedrejada.*

MATILDE

De nôvo!

RAPARIGA 2

Desta vez são mais de vinte, e o Vigário vem com elas!

MATILDE

É um Vigário do Cão!

RAPARIGA 1

Oh, padre excomungado!

MATILDE

*(Vai à janela e xinga)* Chupadoras de hóstia! Beatas duma figa!

RAPARIGA 1

*(Grita também)* Estão é com falta de homem! Venham pra cá que eu arranjo um pra cada uma!

MATILDE

Vão jogar pedra na mãe!

*Uma pedra arrebenta uma vidraça e vem cair dentro da sala, junto de CABO JORGE.*

RAPARIGA 2

Quase caiu na cabeça dêle.

RAPARIGA 1

*(Arma-se com uma garrafa)* Que entre uma dessas beatas aqui pra ver o que lhe acontece!

MATILDE

Espera... tenho uma idéia! *(Apanha o estilhaço de vidro. Ri. Volta à janela)* Isso! Atirem mais pedras! Quebrem tudo, que eu tenho quem pague! *(Volta para junto de CABO JORGE com o vidro na mão. RAPARIGA 2 cobre o rosto com as mãos)*

#### DÉCIMO-SEGUNDO QUADRO

ANTONIETA, MARÍLIA, MATILDE, MAJOR, PREFEITO, RAPARIGA 1, RAPARIGA 2 e VIGÁRIO. *Este último afastado do grupo. Sobre a mesa, coberto por um lençol, o corpo de CABO JORGE, entre quatro velas acesas.*

MATILDE

Ele estava sentado ali, bebendo, coitado. Estava tão alegre, contando casos... A pedra quebrou a vidraça, um estilhaço de vidro pegou bem aqui *(Mostra a carótida)*, lá nêle. Nunca vi tanto sangue. Parecia uma cachoeira.

ANTONIETA

Quem jogou a pedra?





MATILDE

E quem é que vai saber? Eram mais de vinte, tôdas com o diabo no corpo.

VIGÁRIO

Com o diabo, não. Com o diabo sempre estiveram vocês! Tinham acabado de ouvir missa e receber o Santíssimo.

LILINHA

(*Numa explosão histérica*) Fui eu! Eu estava com elas! Eu atirei a pedra!

PREFEITO

(*Contendo-a*) Não diga tolice. Tantas pedras, por que logo a sua?...

LILINHA

Porque eu estava com ódio, estava possuída pelo Demônio mesmo! Queria me vingar em alguém!

MAJOR

(*Para o PREFEITO*) É melhor que ela vá pra casa. Você não devia ter deixado ela vir.

PREFEITO

Vamos, filhinha, vamos pra casa. Isto não é lugar pra môça de família.

LILINHA

Eu não sabia que êle estava aqui. Juro que não sabia...  
(*Sai arrastada pelo PREFEITO*)

MAJOR

Eu não estou dizendo? O senhor exagera nos seus sermões.

ANTONIETA

Está aí o resultado.

VIGÁRIO

Por que não chamaram logo um médico?

MATILDE

De que jeito? Suas beatas não deixavam ninguém botar a cara na janela. Logo que elas foram embora, fui chamar o Delegado. Não encontrei, chamei o Major.

MAJOR

Era tarde. Êle já estava morto. Uma coisa horrível.

ANTONIETA

Não morreu numa guerra de verdade, pra vir morrer numa guerrinha bêsta de mulheres.

MATILDE

Eu não sabia quem era êle. Depois foi que o Major me disse. Meu medo é que o povo venha a saber e se volte contra nós.

ANTONIETA

Contra quem? Só se fôr contra as beatas, ou contra o Vigário.

VIGÁRIO

Foi um acidente, uma fatalidade.



MATILDE

Fatalidade ou não, o homem está aí, morto. E morto por uma pedrada, lançada por uma beata, por instigação do Vigário.

MAJOR

Padre, o senhor é o autor intelectual do crime.

VIGÁRIO

Seja. Não me arrependo dos meus sermões. E estou disposto a assumir a responsabilidade de tudo.

MAJOR

Não, isso também não é justo. Cada um de nós contribuiu um pouco pro acontecido. A cidade inteira. E ao mesmo tempo que cada um de nós é culpado, ninguém tem culpa de nada. Se ele não tivesse voltado, se tivesse morrido há dez anos, como consta da ordem do dia do seu Batalhão...

ANTONIETA

"Morto em ação." É triste que tenha voltado pra morrer num bordel. E nem ao menos em ação... não foi?

MATILDE

Não, não chegou a isso, coitado.

ANTONIETA

Muito triste.

MATILDE

Mais triste ainda pra senhora, que volta a ser viúva.

ANTONIETA

É minha sina. Ser sobejo de defunto.

MAJOR

Acho melhor abafar o caso.

VIGÁRIO

Abafar, como? Se há um homem morto. Se houve um assassinato.

MAJOR

A vítima já havia morrido há dez anos. E entre as duas mortes, se ele pudesse escolher, com certeza tinha escolhido a primeira. Portanto, seria uma vingança covarde a nossa, dando a conhecer a verdade.

ANTONIETA

Também acho.

MAJOR

Além do mais, não sabe, acho que nisso tudo andou a mão de Deus.

VIGÁRIO

Como?

MAJOR

Quem sabe se não foi Deus quem atirou aquela pedra?

VIGÁRIO

Não blasfeme!

MAJOR

Deus, que vê tudo, deve ter visto que essa era a única maneira de salvar esta cidade da ruína.

VIGÁRIO

Apesar dos defeitos de Cabo Jorge, não creio que Deus tenha decidido sacrificá-lo pra que esta cidade continue tal como é.

MAJOR

E por que não? Não é uma cidade muito mais importante do que um indivíduo?

VIGÁRIO

Cabo Jorge era um homem bom.

MAJOR

Cristo também era. E o Pai o sacrificou pela humanidade.

VIGÁRIO

*Põe a estola em volta do pescoço, aproxima-se do corpo, benze-se e murmura uma oração.*

ANTONIETA

E nem ao menos um entêrro decente. Vai-se embora, assim, sem quarto e sem sentinela.

MAJOR

As raparigas fazem sentinela.

*VIGÁRIO acaba de encomendar o corpo e inicia a saída.*

MAJOR

Padre? (VIGÁRIO detém-se) As cinzas de Cabo Jorge vão chegar da Itália. Conto com o senhor pra cerimônia do benzimento.

*VIGÁRIO sai sem dar resposta. RAPARIGA 1 e RAPARIGA 2 saem em seguida.*

ANTONIETA

Você acha que ele vai guardar segredo?

MAJOR

O problema é dele.

MATILDE

E eu, que faço agora com o corpo?

MAJOR

Vamos dar um jeito de fazer o entêrro antes de amanhecer, pra não dar na vista.

MATILDE

A minha parte está feita.

MAJOR

Deixe o resto por minha conta.

MATILDE

Vou lá dentro aquietar as meninas que estão muito nervosas... (Sai)

ANTONIETA

Vamos pra casa, que eu também estou morrendo de medo.





MAJOR

Não seja bôba.

ANTONIETA

Parece que êle vai levantar dali e acusar a gente.

MAJOR

Acusar de quê?

ANTONIETA

Pode ser que você engane ao Vigário com essa estória da pedrada; a mim, não.

MAJOR

Por que não, se é verdade? Então não houve o ataque das beatas ao castelo? Não apedrejaram, não quebraram tôdas as vidraças?

ANTONIETA

Eu sei que tudo isso aconteceu.

MAJOR

Pois então? É absurdo que um estilhaço de vidro tenha matado um bêbedo?

ANTONIETA

Não seria absurdo, se eu não soubesse que a morte desse bêbedo era a única solução.

MAJOR

Pra você também.

ANTONIETA

Pra todos.

MAJOR

Então agradeça a Deus que botou o Diabo no corpo daquelas beatas.

ANTONIETA

É, e desde que êle chegou que eu senti que alguma coisa ruim ia mesmo acontecer. A êle ou a mim.

MAJOR

A êle ou a todos nós. É nisso que a gente deve pensar. A êle ou a todos nós, a uma cidade inteira. Não seria êsse um crime muito maior? Matar uma cidade? Não pense que eu não sinto também. Não era de meu sangue, mas era sobrinho de minha mulher. E não era um mau rapaz, apesar dos defeitos.

ANTONIETA

Era não. Dizia coisas bonitas. Gostava de viver. Tão alegre, parecia uma criança.

MAJOR

Mas pense nas verdadeiras crianças. Vão poder crescer felizes, orgulhosas de terem nascido aqui. Vão poder crescer vendo a cidade progredir, ganhar importância. O Vigário diz que ganhamos também muita coisa má. Tem razão. Mas ninguém cresce sem ter sarampo, catapora. É da vida. Da natureza humana. Em compensação, teremos também uma estrada. Iremos daqui à Capital, diretamente, de automóvel.





ANTONIETA

Que bom. Irei a Salvador tôda semana.

MAJOR

E ninguém constrói uma estrada sem sacrificar muitas vidas. É a paga do progresso.



DÉCIMO-TERCEIRO QUADRO

No novo bordel, MATILDE, RAPARIGA 2, MAJOR, JUIZ DE DIREITO entre outros, aglomerados, diante de uma porta, disputam a primazia de olhar pelo buraco da fechadura.

VOZES

Espera! Não empurra! Quero ver também!

JUIZ

Como juiz de direito, reivindico o direito de testemunhar o ato.

Todos se afastam, resmungando. Juiz cola o olho ao buraco da fechadura. Os outros voltam a acotovelar-se em volta dele.

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

TEATRO DE ARENA - 226-0242  
Av. Borges de Medeiros, 835 - CEP 90010